



UBUNTU:
TERRITÓRIO, RAÇA E MEMÓRIA



VITÓRIA SERAFIM DE SANTANA
TGI II - IAU USP

"EU SOU PORQUE VOCÊ É"

O termo Ubuntu possui sua origem ligada aos povos falantes de bantu, língua presente na África subsaariana. Caracteriza-se como um conceito de fortalecimento comunitário, o qual os saberes foram transmitidos de geração em geração através da memória, oralidade e o viver da cultura em sociedade.

A filosofia possui como princípio o entendimento de que aqueles que vieram antes realizaram feitos que formaram os de agora e que as ações devem ser pensadas para os próximos que virão. (TUTU,1999)

A prática da sabedoria africana, tem como premissa entender o individual como coletivo, assumindo as batalhas e gratificações como unidade, a compreensão de que só se pode ser "eu" porque o "nós" existe é fundamental para caracterizar o Ubuntu.

A expressão não possui uma tradução para o português e pode ser "traduzida" para a língua portuguesa como "eu sou porque nós somos" ou "eu sou porque você é".

ESTE DOCUMENTO FOI CRIADO AUTOMATICAMENTE

DATA DE CRIAÇÃO: 2024-02-20 10:45:00

DATA DE ÚLTIMA ATUALIZAÇÃO: 2024-02-20 10:45:00

ÚLTIMA EDIÇÃO: 2024-02-20 10:45:00

ÚLTIMA EDIÇÃO: 2024-02-20 10:45:00

ÚLTIMA EDIÇÃO: 2024-02-20 10:45:00

ÚLTIMA EDIÇÃO: 2024-02-20 10:45:00

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Santana , Vitória Serafim de Ubuntu: território, raça e memória / Vitória Serafim de Santana . -- São Carlos, 2024. 136 p.
Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) -- Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2024.
1. Memória . 2. Cultura negra . 3. territorialização. I. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:

Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229

COMISSÃO DE ACOMPANHAMENTO E PERMANENTE

Docente : Aline Coelho Sanches

Docente : Luciana Bongiovanni Martins Schenk

Docente : Paulo César Castral

Docente: Joubert Lancha

Docente : Gisela Cunha Viana Leonelli

ORIENTADORES

Aline Coelho Sanches

Aline Coelho Sanches

David Moreno Sperling

David Moreno Sperling

David Moreno Sperling

Convidado (a)

Convidado (a)

Agradecimentos

À Deus por ter me dado a vida que tenho.

Ao meu irmão, pelo amor incondicional.

À minha avó Zezé, pelas orações e carinho.

À Giovana e à Joyce, por serem minhas melhores amigas.

À Giulia, por todos os abraços

Aos professores Aline Coelho e David Sperling, pelas orientações ao longo deste ano

Para a realização deste trabalho, durante o processo de pesquisa e concepção quitetônica, foi desenvolvida ao longo dos meses uma playlist de sambas, através do aplicativo Spotify.



Nai-Vai

A ideia é ambientar o projeto em seu espaço natural, nascido no chão do território Bixiga, com suas marcas de luta, festividade, fé e felicidade.

Assim, esta playlist reúne músicas que foram escritas sobre o território que se dirige diretamente ao Bixiga, outras que trazem a raiz negra, cuja intenção é

INTRODUÇÃO





I. CONTEXTUALIZAÇÃO

O trabalho a seguir teve seu início através do projeto de cultura e extensão do programa de bolsas unificado da Universidade de São Paulo, orientado pelo Prof. Dr. David Moreno Sperling no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP), estando inserido na linha de pesquisas e estudos realizados pelo grupo Atlas do Chão. Este grupo é co-coordenado pelos professores doutores David Moreno Sperling (IAU-USP) e Ana Luiza Nobre (PUC-Rio) e participou do edital internacional South Designs for Planetary Futures de 2022 com o projeto “Designing with the planet. Connecting riparian zones of struggle in São Paulo, Jakarta and Berlin,” que conta com a participação de pesquisadores e artistas de outros países, como Indonésia e Alemanha, de modo a pensar um projeto que redesenhe o sul global.

Estão presentes no estudo questões que são constantes desafios para a população do território do Bixiga, como o pertencimento do povo negro e sua invisibilização em meio à metrópole, o tamponamento do Rio Saracura – que nasce no território e possui um papel importante na cultura e memória dos moradores – assim como os achados arqueológicos do Quilombo Saracura, encontrados durante as escavações da nova estação de metrô da linha 6-Laranja. Desta forma, este projeto pretende estender essa pesquisa para o Trabalho de Graduação Integrado (TGI).

Visto isso, o projeto deste trabalho está localizado no território do Bixiga, no bairro da Bela Vista, na cidade de São Paulo, no terreno onde atualmente está em curso a escavação da estação de metrô “14-Bis Saracura” da nova linha 6-Laranja. Durante as escava-

ções, foram encontrados objetos arqueológicos que remontam ao período em que o mesmo solo pertencia ao Quilombo Saracura. Esse encontro entre o passado e o presente, somado à necessidade de reconhecimento da presença negra no território, despertou na comunidade local o desejo de criar um espaço que evidencie os achados arqueológicos e a cultura do quilombo. Para a comunidade, preservar esses vestígios é uma forma de honrar a luta e a resistência de seus ancestrais. Trata-se de uma mobilização social negra que busca demarcar a estação e o chão como um território negro. A população não se opõe à construção da estação, mas se posiciona contra o apagamento da história negra no Bixiga.

Assim, ao trazer à tona dados suprimidos e apagados da história da cidade, é possível reforçar que o povo negro pertence ao local, que, por décadas, escondeu sua verdadeira raiz histórica. A descaracterização fez com que muito se perdesse. Sua retomada, com a identificação de pontos específicos no território, é uma forma de combater o apagamento de seus rastros, história e cultura, reafirmando a presença negra em territórios fundados por seus ancestrais e valorizando, assim, a cidade de São Paulo como um território negro (Munanga, 1999).

Dessa forma, este projeto tem como objetivo transformar a estação, não apenas em um ponto de passagem, mas em um espaço de valorização da presença negra, evidenciada por meio da demarcação de sua existência.

TERRITÓRIO



I.I BAIRRO DA BELA VISTA

O bairro da Bela Vista, localizado no centro da cidade de São Paulo, tem em suas raízes de formação o povo negro como alicerce. Conhecido inicialmente como Campos do Bixiga, o bairro se estendia até o alto da Mata do Caaguçu, hoje conhecido como Espigão da Paulista.

A Bela Vista abriga três grandes ondas de imigração de povos que moldaram seu território com seus costumes, crenças, danças e comidas, formando assim o bairro que conhecemos hoje.

O primeiro grande momento de apropriação territorial teve início na segunda metade do século XVIII, com o povo negro escravizado, que, ao conseguir escapar, se dirigia ao vale do Saracura em busca de liberdade e, assim, formou o quilombo urbano do Saracura, dando início à criação do bairro (Rolnik, 1989).

A segunda transformação populacional da Bela Vista ocorreu devido à grande imigração europeia, especialmente de italianos, que chegaram à cidade de São Paulo (Rolnik, 1989).

Segundo Raquel Rolnik, no artigo Territórios Negros nas Cidades Brasileiras: Etnicidades e Cidades em São Paulo e Rio de Janeiro (1989), em 1893, 80% do proletariado nas atividades manufatureiras e artesanais era composto por imigrantes estrangeiros.

Os bairros centrais da cidade passaram a abrigar uma maioria branca, com exceções da Bela Vista e da Barra Funda, que mantiveram seus núcleos negros pela força de suas raízes.

A partir da década de 1950, ocorreu então a terceira aglutinação étnica no bairro, com a chegada de migrantes nordestinos a São Paulo. A intensa urbanização gerou uma nova demanda por moradia nos bairros centrais, levando esses bairros a abrigarem novamente um novo contingente migratório (Scarlato, 1989).

I.II TERRITÓRIO DO BIXIGA

O território do Bixiga está localizado dentro do bairro da Bela Vista, e se apresenta como um espaço em disputa. Sua história negra foi, por muito tempo, omitida do conhecimento público, uma vez que as memórias culturais associadas ao território se concentram nas

Dessa forma, o Bixiga, no imaginário popular, passou a ser identificado como “um bairro italiano”, o que limita as contribuições das comunidades negras e de outras culturas que também formaram o local (Domingues, 2003).

No entanto, é necessário compreender que o Bixiga não se configura como um bairro com delimitações fixas e definidas pela prefeitura da cidade de São Paulo, mas como um território simbólico dentro do bairro da Bela Vista, um espaço onde diversos saberes e culturas coexistem, e onde a história e a identidade são moldadas pela vivência cotidiana dos moradores.

As contribuições das comunidades negra e italiana, juntamente com outras culturas que foram se estabelecendo ao longo dos anos, moldaram um território plural e multicultural, cuja riqueza está enraizada na convivência de diversas tradições e marcas da imigração europeia, principalmente italiana.

Por isso, o traçado do Bixiga não pode ser definido rigidamente em mapas, a delimitação desse território varia conforme o relato de cada frequentador e se transforma de acordo com as experiências e memórias que cada um associa ao local.

A forma urbana do Bixiga, portanto, é um reflexo do vínculo afetivo e histórico de seus habitantes, e seu traçado simbólico pode mudar conforme o narrador que compartilha suas lembranças e vivências



Celebrações nas ruas do Bixiga

Fonte: Portal do Bixiga

I.III RASTROS DO TERRITÓRIO

O território do Bixiga, como visto previamente, é constituído de ancestralidades diversas, formando assim a singularidade do bairro. Apesar de único, ele incorpora diferentes formas de saberes dentro de sua comunidade.

Em entrevista com o jornalista e membro da escola de samba Vai-Vai, Fernando Penteado, um “bixiguento nato,” como a comunidade denomina aqueles que cresceram no território e o frequentam até hoje, afirmou: “Bela Vista é um bairro, Bixiga é para poucos [...] ser bixiguento é um estado de espírito.”

A identidade do bairro é, portanto, construída por rastros que se assemelham e divergem, mas ocupam o mesmo espaço. Desta forma, foi possível identificar pontos específicos no território que serão explorados como elementos norteantes do projeto.

A ideia dos rastros será amplamente utilizada para a compreensão do território estudado e para desenvolver uma identificação popular com o equipamento projetado.

As ancestralidades presentes no solo são fundamentais para sua demarcação, é a partir de suas raízes, presentes no estrato do chão, que este trabalho se origina, marcado por memórias que,

apesar de sofrerem constantemente ameaças do apagamento histórico, permanecem registradas no local (Schwarcz, 1999). Este trabalho utilizará o conceito de Paul Gilroy sobre rastros encontrados no território. Para o autor, em seu livro O Atlântico Negro (1993), os rastros são marcas físicas e culturais deixadas no espaço, evidenciadas em diversas formas e carregadas de memórias de opressão e resistência, resistindo ao apagamento histórico e preservando o local de origem de um povo.

É a partir desses rastros, encontrados ao longo do território, que a história de um povo pode ser contada (Santos, 1996).

Durante o estudo foi possível entender e localizar, por meio de conversas com moradores e documentos históricos, onde esses rastros estão presentes no terreno escolhido para este projeto.

A partir da criação do atlas e das leituras realizadas durante a concepção, foi possível compreender que o local escolhido possui quatro grandes rastros que fazem parte da história do bairro e da população negra: o Rio e o Quilombo Saracura, a religiosidade negra e o samba, esses elementos são fundamentais para a identidade do território e para a proposta do projeto.



SARACURA



Fonte: Instituto Moreira Salles

I.IV RIO SARACURA

O Rio Saracura, importante norteador da história do Bela Vista e Bixiga , nasce nas proximidades da Rua Dr. Seng, a poucas quadras da Avenida Paulista, e segue pelo vale até a Praça 14 Bis, onde deságua no rio Anhangabaú,para o autor Antonio Bispo, no livro A Terra Dá, A Terra Quer, “um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro, ele passa a ser ele mesmo e muitos outros.”

O Saracura carrega não apenas suas águas, mas também a história de um território inteiro, presente em várias transformações, desde a criação de um Quilombo até seu tampãoamento no meio do século XX, o vale do Saracura foi tanto transformador quanto transformado ao longo dos anos.

O Rio recebeu esse nome pela abundância de aves saracuras que caminhavam e cantavam na região, o Quilombo que se formou em suas margens também adotou o mesmo nome.

Naquela época, o rio corria livre e aberto, sendo não apenas um meio de subsistência para os moradores de suas margens, mas também uma fonte de diversão para a população. Com o processo de urbanização de São Paulo, o Rio Saracura foi gradualmente

tamponado, seu traçado suprimido pela crescente expansão da cidade, à medida que suas águas foram ocultadas sob o concreto, a memória coletiva sobre o rio também foi sendo apagada.

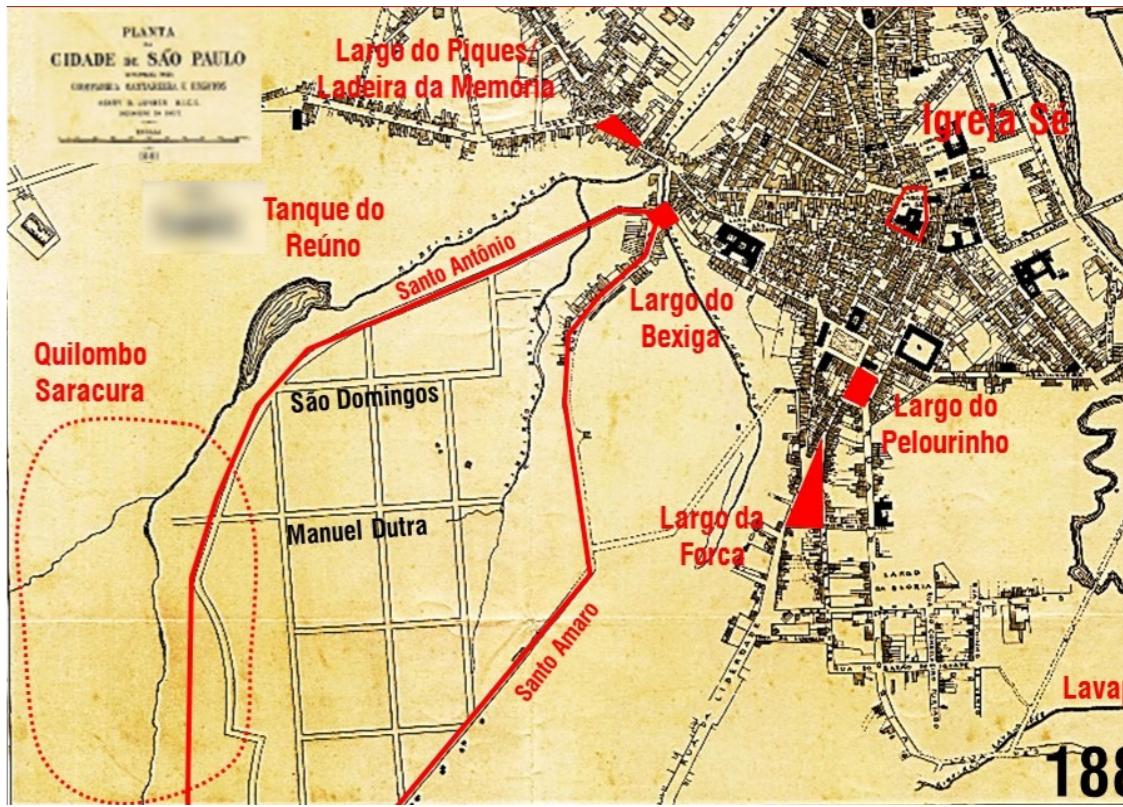
Apesar de sua invisibilidade, o rio Saracura continua a manifestar sua existência de várias maneiras, seus vestígios podem ser percebidos nas pequenas bicas que persistem em pingar ao longo de sua nascente e nos sons de suas águas, ainda audíveis nas ruas que cobrem seu fluxo subterrâneo.

Segundo Fernando Penteado, em entrevista, quando pequeno, as bicas das águas do Saracura eram utilizadas para dar banho nas crianças da comunidade e serviam como fonte de subsistência para as mulheres negras, que lavavam roupas no rio. “Mães negras e mães italianas davam banho nos meninos que nem eram delas, todas se ajudavam [...] as pretas velhas lavavam roupa no rio, onde está o metrô hoje.” Esse cuidado coletivo revela o papel central que o rio desempenhava no dia a dia da comunidade, sendo um ponto de integração e convergência.

I.IV RIO SARACURA

Na cartografia a seguir, datada de 1881, é possível observar como era a distribuição urbana do território, ainda com poucas quadras definidas e o loteamento em sua fase inicial. No mapa, através de um pontilhamento, é possível identificar a área onde se localizavam o Quilombo Saracuruna, o Rio Saracura e o tanque do Reúno, onde as águas do Saracura formavam o espaço ideal para as mulheres do Quilombo lavarem roupas e assim sustentarem suas famílias (Lima, 2020).

A presença do quilombo Saracura foi incluída posteriormente na cartografia, em uma intervenção recente. A escolha de omitir seu traçado foi feita de forma deliberada pelo poder público e pelos responsáveis originais do mapeamento (Lima,2020)



Fonte: Companhia Cantareira e esgoto - Henry P.Joyner

I.V QUILOMBO SARACURA

A história negra no Bixiga foi, por muito tempo, omitida do público geral, pois, ao lembrar do bairro, as cantinas italianas e as marcas da imigração europeia são as primeiras associações, consolidando a imagem do Bixiga como “o bairro italiano” de São Paulo. (Alexandre, 2020; Domingues, 2003).

Contudo, como mencionado, as raízes do bairro remontam ao agrupamento de escravizados fugitivos que formaram o Quilombo urbano do Saracura. Em uma entrevista com Fernando Penteado (Neres, 2024), ele descreve a formação do Quilombo Saracura:

“No início do século XVIII, onde hoje fica a Praça da Bandeira, próximo ao metrô Anhangabaú e à escadaria que sai da Consolação, ali na Ladeira da Memória, existia o Largo dos Piques, um importante entreposto comercial onde se vendiam mercadorias; era um lugar onde até negros eram comercializados (...) Se você olhar da Praça da Bandeira em direção à Av. Nove de Julho, verá uma planície. Dali é possível ver o alto do Caaguá, hoje Av. Paulista. Muitos negros que estavam para ser vendidos no Largo dos Piques fugiam e se escondiam nas matas. Foi assim que se formou o Quilombo Saracura.” (Fernando Penteado, em entrevista a Felipe Neres)

Segundo Penteado, os escravizados fugitivos permaneceram às margens do Rio Saracura, que atravessava a região e se tornou um recurso vital para a comunidade. O Quilombo recebeu o nome do rio, dada sua localização e importância (Gomes, 2015).

A escolha geográfica foi estratégica: em um ponto elevado, os quilombolas podiam se proteger e observar possíveis ameaças (Neres, 2024). Para o professor Petrônio Domingues, em seu livro *Uma História Não Contada: Negros, Racismo e Branqueamento em São Paulo no Pós-Abolição* (2003), o quilombo foi um refúgio para a população negra por anos, preservando não apenas a comunidade, mas também sua cultura, religião e patrimônio imaterial.

O Quilombo Saracura fazia parte de uma rede de espaços ocupados por negros em São Paulo, resistindo à urbanização da cidade.

I.V QUILOMBO SARACURA

Na Bela Vista, a comunidade do Quilombo Saracura manteve-se durante anos, sua cultura, e história. Contudo, sua existência foi apagada pela expansão urbana e pela subsequente ‘italianização’ do bairro (Domingues, 2003). O processo de urbanização e modernização do centro da cidade desconsiderou as necessidades das comunidades originárias, e o poder público deliberadamente apagou sua presença e contribuição histórico-cultural.

Para o sociólogo brasileiro Sérgio Adorno, em seu livro *Os Aprendizes do Poder: O Bacharelismo Liberal na Política Brasileira* (2003), as transformações urbanas de São Paulo foram moldadas por políticas de higienização social e racial. Havia nos projetos governamentais uma vontade de “limpar” a cidade das populações consideradas indesejáveis, com negros pobres e outros grupos marginalizados como os principais alvos. Essas políticas permitiram a destruição física e o apagamento cultural dessas comunidades, resultando, até hoje, na perda de identidade para as populações excluídas.

Um trecho do jornal Correio Paulistano de 1907 ilustra a percepção da época sobre o Quilombo Saracura e a população negra que ali residia:

“É um pedaço da África. As relíquias da pobre raça, impelida pela civilização cosmopolita que invadiu a cidade após 88, foram parar ali naquela furna. Uma linha de casebres bordeja as margens do riacho. O vale é fundo e estreito. Poças de água esverdeada marcam os lugares de onde saiu a argila transformada em palacetes e residências de luxo. Cabras soltas na estrada, crianças negras seminuas fazendo gaiolas, idosos de longa barba ao lado dos mais velhos de cabelos brancos e lábios grossos com cachimbos, dão àquele recanto um ar do Congo. Ali, Pai Antônio, cujas mandingas celebram os supersticiosos de Pinheiros, Santo Amaro e da várzea do Taboão, pratica seus mistérios e toca o urucungo, apoiando-o no ventre rugoso e despidido” (Correio Paulistano, 03/09/1907).



Vale da Saracura

Fonte: Instituto Moreira Salles

“Os quilombos representam mais do que um espaço físico: são locais simbólicos de resistência e preservação cultural onde a população negra recria suas tradições e reafirma suas identidades, desafiando o esquecimento imposto pela sociedade brasileira”

(Munanga, 1999)

SAMBA NO CHÃO



I.VI SAMBA NO CHÃO

O território do Bixiga, é reconhecido como o berço do samba paulistano por seus moradores e frequentadores, essa conexão foi construída ao longo de quase 100 anos, impulsionada principalmente pela escola de samba Vai-Vai e pelos grandes artistas que enriqueceram as rodas de samba e as festas locais de rua (Alexandre, 2020)

A história do Bixiga está profundamente entrelaçada com a resistência e a ancestralidade afro-brasileira, o samba, marcado pelo som dos atabaques, instrumentos de origem africana ,reflete a vivência, as lutas e a cultura do povo negro no território.

A Vai-Vai, por exemplo, desempenha um papel essencial na preservação dessa memória, especialmente ao homenagear a Saracura, sendo um local que guarda as lembranças do Quilombo e perpetua a presença de ancestrais por meio da música e da cultura. Apesar de sua relevância histórica e cultural, o samba no Bixiga enfrentou desafios significativos, o espaço ocupado pela Vai-Vai por quase 50 anos foi desapropriado, mesmo sob a vigência de uma liminar emitida pela Prefeitura de São Paulo, que havia concedido o uso do terreno nos anos 1970 por um período de 90 anos.

A desapropriação foi realizada para a construção da estação de metrô 14-Bis Saracura, distanciando a escola de sua comunidade e rompendo uma parte importante de sua ligação com o território. O samba se apresenta no território como uma ferramenta para narrar as vivências do bairro, papel evidente nas letras de compositores que viveram na região.

Canções como “Um Samba no Bixiga” (1976), de Adoniran Barbosa, “14 Bis” (2006) de Eduardo Guadim, e “Tradição” (1980) de Geraldo Filme, capturam o cotidiano e a essência cultural do Bixiga, utilizando o samba como registro da memória coletiva.

A escola de samba Vai-Vai surge como um dos principais pilares da preservação cultural do Bixiga, simbolizando a resistência e a força da cultura negra na região. Fundada em 1930 como um cordão carnavalesco, a Vai-Vai mantém sua importância na construção da identidade local, reforçando o papel do território na história do samba e na memória coletiva do povo que ali vive.

Festividades da Vai-Vai

Fonte: Arquivo da Vai-Vai



RELIGIOSIDADE NEGRA



I.VI RELIGIOSIDADE NEGRA

Há no território marcas da religiosidade negra que são frequentemente vítimas de tentativas de apagamento por meio da supressão de sua história, as religiões de matriz africana estão presentes no território do Bixiga desde os tempos de Quilombo, como herança dos povos escravizados que tinham a religiosidade como ponto de ligação com suas raízes.

No Brasil, a religiosidade de matriz africana é frequentemente analisada sob uma perspectiva eurocêntrica (Munanga, 1999), na qual o cristianismo é considerado a única fonte de fé, gerando um grande preconceito religioso contra outras formas de expressar a espiritualidade.

Assim, é necessário compreender que, tanto na história do país quanto na do território do Bixiga, há a presença de outras comunidades que trazem consigo suas crenças e culturas por isso é fundamental a valorização desses aspectos.

No território do Bixiga, a malha urbana abriga manifestações de religiosidade de matriz africana, isso acontece de-

vido a conexão do bairro com pontos de cultura negra, como a escola de samba Vai-Vai e o Quilombo Saracura.

Os barracões das escolas de samba eram chamados antigamente de “terreiros do samba”, dada a proximidade com a religião, os atabaques usados nos pontos das giras de candomblé ou umbanda são os mesmos que embalam as rodas de samba (Alexandre, 2020) dessa forma, é natural que ambos caminhem juntos no território, pois são frutos da mesma raiz.

Ao caminhar pelas ruas do Bixiga, é possível observar manifestações religiosas de proteção, como ervas e plantas que permeiam o tecido urbano com a função de proteger aquele local, um exemplo marcante é a presença de espadas-de-São-Jorge em frente às casas e nos canteiros das ruas. No contexto da religião, a espada-de-São-Jorge simboliza a espada de Ogum, o orixá guerreiro, protegendo o espaço contra energias negativas.

I.VI RELIGIOSIDADE NEGRA

Além dessas manifestações criadas pela comunidade, o desenho urbano do território também carrega significados atribuídos aos orixás.

O terreno onde este trabalho intervém, localizado onde antigamente estava antiga sede da escola de samba Vai-Vai, possui interseções de três ruas, que para a

população formam o desenho urbano do tridente de Exú, orixá protetor dos terreiros e dos caminhos (Alexandre, 2020) tais ruas adquiriram esse formato devido à formação do Quilombo Saracura (Lima, 2020).

Assim, é perceptível que as manifestações da religiosidade ocorrem de forma natural para a comunidade, sem estranheza em relação à sua história, elas se transformam em pontos de referência para os moradores.

Além das manifestações criadas pela comunidade, seja no passado ou no presente, o território também abriga eventos que valorizam essa religiosidade, um exemplo significativo é a lavagem da escada-



Lavagem da escadaria da rua 13 de maio

Fonte: Analu Buchmann

ESCAVAÇÕES



I.VII ESCAVAÇÕES

A criação da nova linha de metrô 6-Laranja tem como objetivo conectar o bairro da Brasilândia à estação São Joaquim, no bairro da Liberdade, com uma extensão de cerca de 15,3 km de linha férrea subterrânea, a estimativa é que a linha transporte aproximadamente 633 mil passageiros por dia.

No entanto, a criação da estação até então chamada 14 Bis (renomeada oficialmente em 10 de junho de 2024 para 14 Bis-Saracura, em reconhecimento ao grande esforço da população) está localizada no exato local onde, por cerca de 50 anos, funcionou a sede da escola de samba Vai-Vai, terreno, de propriedade da Prefeitura de São Paulo, havia sido concedido à escola (Neres, 2024).

Com a demolição, a escola perdeu sua sede social e o espaço destinado às festividades, que se estendiam pelas ruas adjacentes à quadra. A Vai-Vai foi deslocada com a promessa de que sua nova sede seria cons-

truída em outro local, no território do Bixiga, promessa que até o momento não foi cumprida, o que faz com que a agremiação, segundo a ativista Solange Luz, tenha seus ensaios sediados em um local emprestado, no sindicato dos padeiros no bairro da Sé, longe de sua raiz.

Contudo, durante as escavações do metrô, diversos achados arqueológicos foram descobertos, incluindo garrafas, objetos domésticos, ossadas de animais, ferraduras, louças e outros artefatos ligados ao Quilombo Saracura e a objetos de fé de matriz africana. Além disso, foram encontrados vestígios do próprio Rio Saracura, que surgiu durante as escavações, esses artefatos estão sob a responsabilidade da empresa de arqueologia A Lasaca, encarregada da escavação e curadoria. (A lasca, 2022)

Dantedisso,háumembateentre aempresa de arqueologia e a população do bairro, já que a empresa constantemente desqualifica esses objetos, alegando que são recentes

I.VII ESCAVAÇÕES

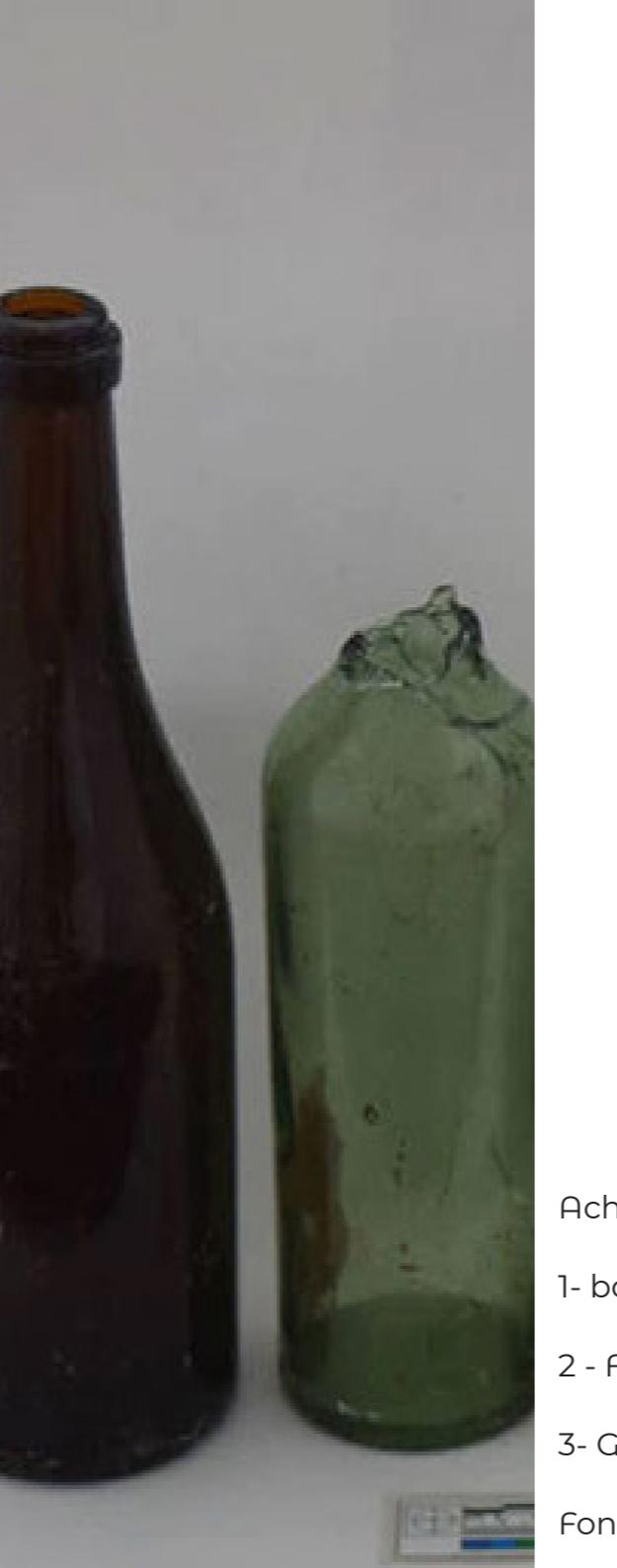
e não pertencem ao período histórico do Quilombo. Apesar dessas afirmações, a moradora e autora do candomblé, mãe Jennifer de Xangô, foi convidada para avaliar os achados e confirmou que os objetos são, de fato, de origem quilombola e relacionados às religiões de matriz africana.

Para a população, a confirmação do sítio arqueológico Saracura foi de extrema importância, pois permitiu que se cobrassem medidas dos órgãos responsáveis para preservar os patrimônios arqueológicos.

Assim, surgiu o movimento Mobiliza Saracura/Vai-Vai, um grupo dedicado à preservação dos achados arqueológicos e à luta contra o apagamento histórico do Quilombo Saracura e da história da escola de samba Vai-Vai no Bixiga, o movimento também defende a mudança do nome da estação para “Saracura/Vai-Vai”

Para seus integrantes, é crucial que os patrimônios encontrados durante as escavações permaneçam no bairro, em vez de serem deslocados para outros locais, e que sejam valorizados e expostos a fim de contar a história negra do no território.

Para a população, o problema não é a construção do metrô, mas sim o apagamento das raízes negras no Bixiga.



Achados arqueológicos do Quilombo Saracura

1- boneco de Exú feito de arame

2 - Fio de conta

3- Garrafas de vidro

Fonte : A lasca arqueologia

LEITURA DO TERRITÓRIO



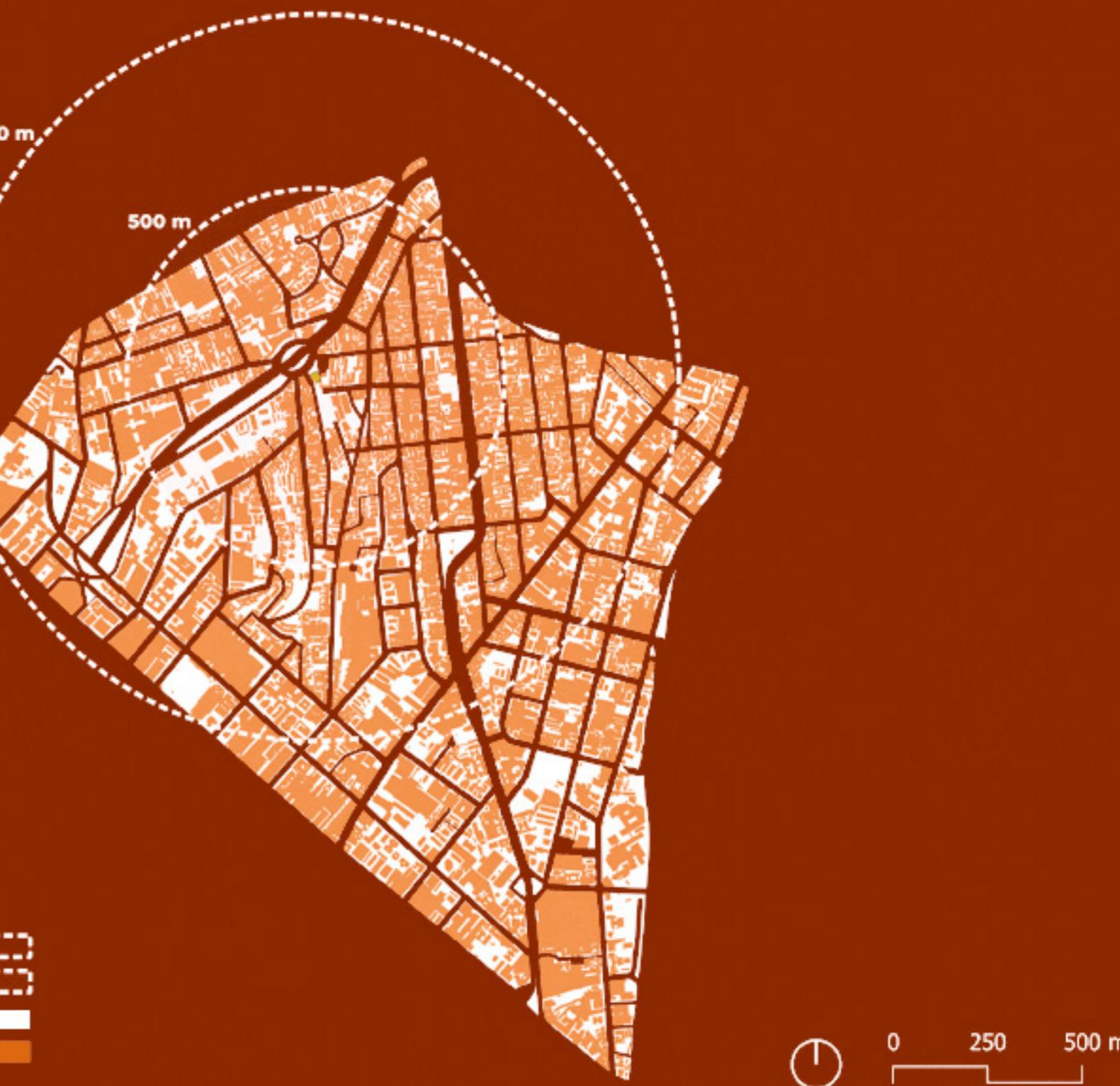
II. LEITURA DO TERRITÓRIO

A fim de compreender o território, foram realizadas análises do espaço por meio de cartografias temáticas, que auxiliaram na identificação dos pontos fortes presentes na malha urbana.

Além dos aspectos já conhecidos, foram mapeados monumentos e pontos culturais no bairro da Bela Vista. Isso permitiu identificar que, embora existam marcos importantes no território não foram encontrados, nos dados disponíveis no portais da cidade de São Paulo, elementos que destacassem as marcas do povo negro na região.

Além de uma visão geral do território, as análises indicaram a localização de pontos relacionados ao Quilombo do Saracura, ao Rio Saracura e ao Quadrilátero da Saracura (Lima, 2020), onde acredita-se estarem os limites do antigo Quilombo.

Outro aspecto fundamental para a realização deste trabalho foi a análise do entorno imediato do terreno onde o projeto está localizado, o estudo incluiu a identificação dos espaços ocupados e vazios das edificações, bem como o levantamento dos gabaritos dos prédios adjacentes. Essas informações foram essenciais para compreender o território.











REFERÊNCIAS PROJETUAIS



II. I REFERÊNCIAS PROJETUAIS

Uma referência para o conceito projetual utilizado neste projeto é o arquiteto Louis Kahn, que possui como método arquitetônico de projeto a monumentalidade e organização funcional clara, basando-se na separação dos espaços servidos e serventes garantindo assim um equilíbrio entre funcionalidade e forma arquitetônica, com divisões bem definida entre áreas principais de uso e espaços técnicos ou de suporte.

Outra característica dos projetos de Louis Kahn, que foi utilizada como norteadora neste trabalho, é a adequação da história do local ao projetar respeitando o clima, a forma e a cultura do entorno.

Tendo também como referência produções contemporâneas, o trabalho do arquiteto britânico David Adjaye no Museu Nacional de História e Cultura Afro-Americana, em Washington, D.C., foi utilizado.

Nesse projeto, Adjaye integra narrativa histórica e forma arquitetônica, criando uma organização espa-

cial que conta a história do povo negro nos Estados Unidos, cada nível do edifício representa uma parte dessa história, desde a escravidão até a liberdade.

Já a forma arquitetônica incorpora elementos culturais e simbólicos, visto que a fachada do edifício é inspirada na coroa iorubá, que confere ao edifício uma identidade única e conectada à herança africana.

A fim de valorizar a cultura e a história do local, este projeto também se inspirou em espaços significativos como o Sítio Arqueológico do Cais do Valongo, no Rio de Janeiro.

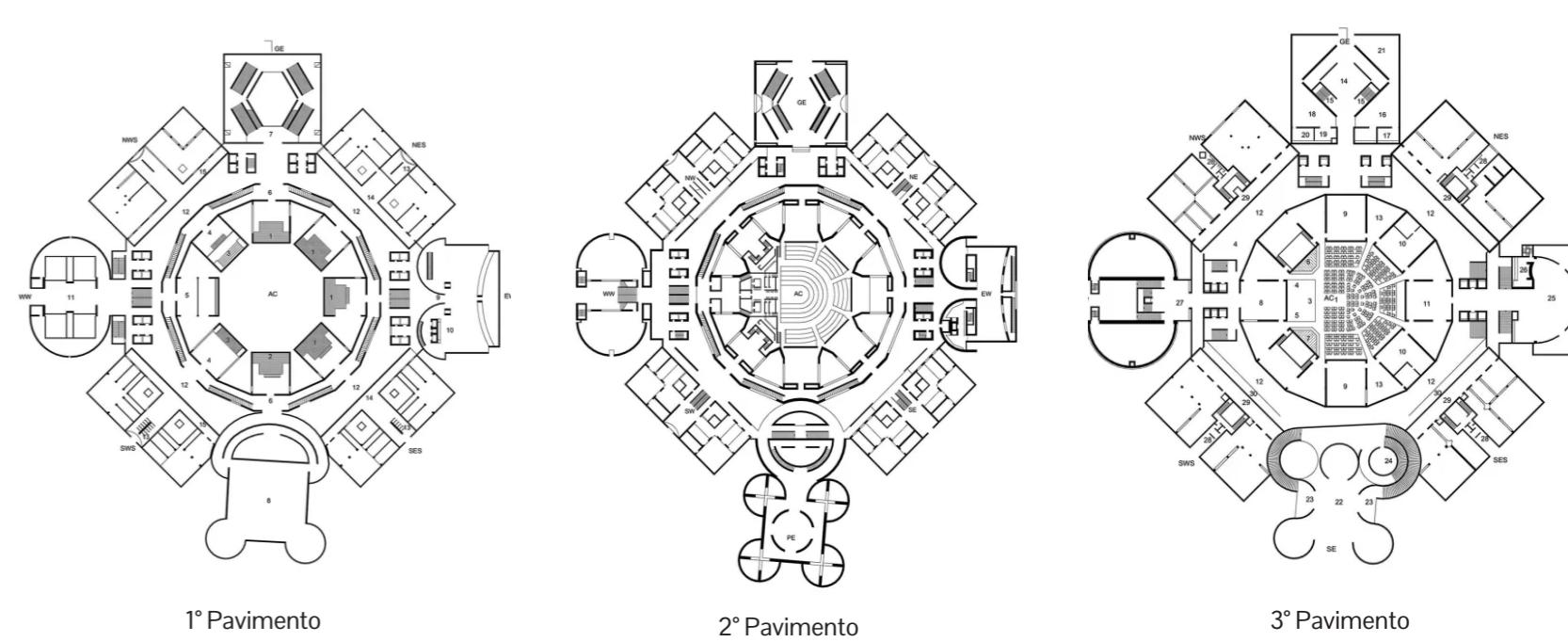
Este local, redescoberto durante escavações do Porto Maravilha em 2011, revela vestígios de um antigo cais onde desembarcavam escravizados trazidos da África.

Em 2012, devido à mobilização popular, a área foi preservada e transformada em um sítio arqueológico que celebra a herança africana, integrando -se a um circuito histórico de grande relevância cultural.

II. I REFERÊNCIAS PROJETUAIS

Outro exemplo que reforça a importância da preservação histórica é o Instituto dos Pretos Novos, também no Rio de Janeiro, criado após descobertas arqueológicas, onde as ossadas de escravizados, em sua maioria menores de idade, foram encontradas durante a reforma em uma residência no início dos anos 2000, revelando assim a tragédia daqueles que não sobreviveram à travessia atlântica, e foram enterrados quando desembarcavam no cais do valongo .

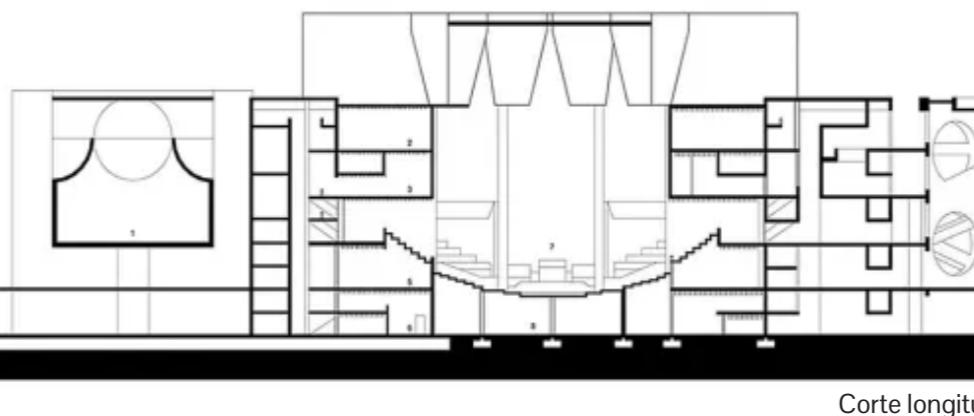
Hoje, o museu Instituto dos Pretos Novos preserva esses vestígios e narra essa história, destacando-se como um espaço de memória e valorização da herança afro-brasileira, sua importância foi reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que garantiu sua proteção e preservação.



1º Pavimento

2º Pavimento

3º Pavimento

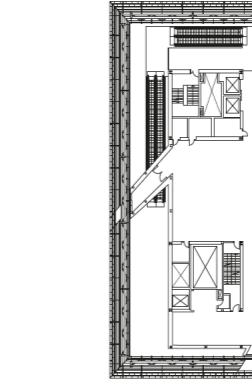


Assembléia Nacional de Bangladesh - Louis Kahn
Fonte da imagem: Jatiyo Sangshad e Louis Kahn

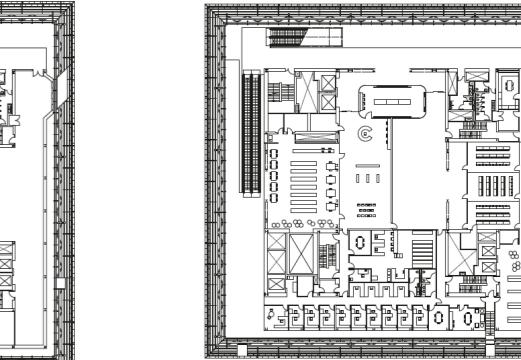
Corte longitudinal



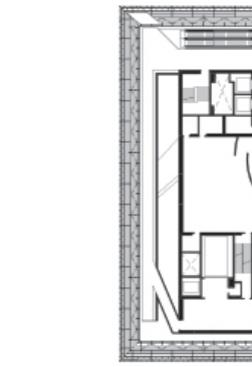
1º Pavimento



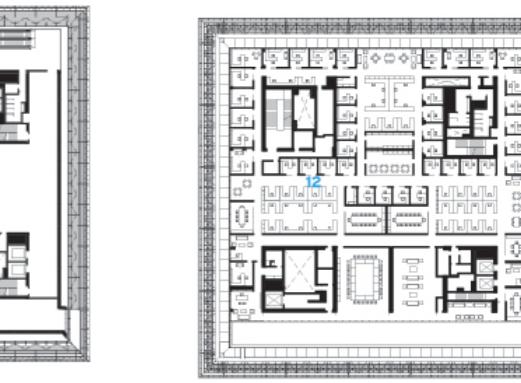
2º Pavimento



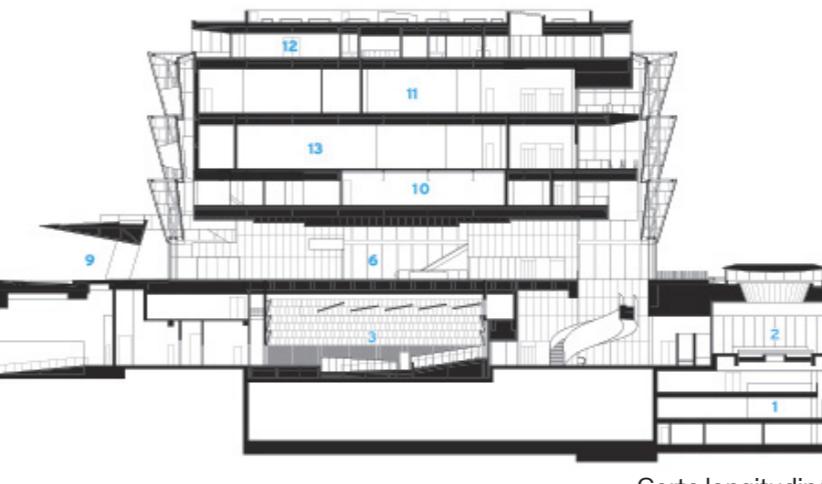
3º Pavimento



4º Pavimento

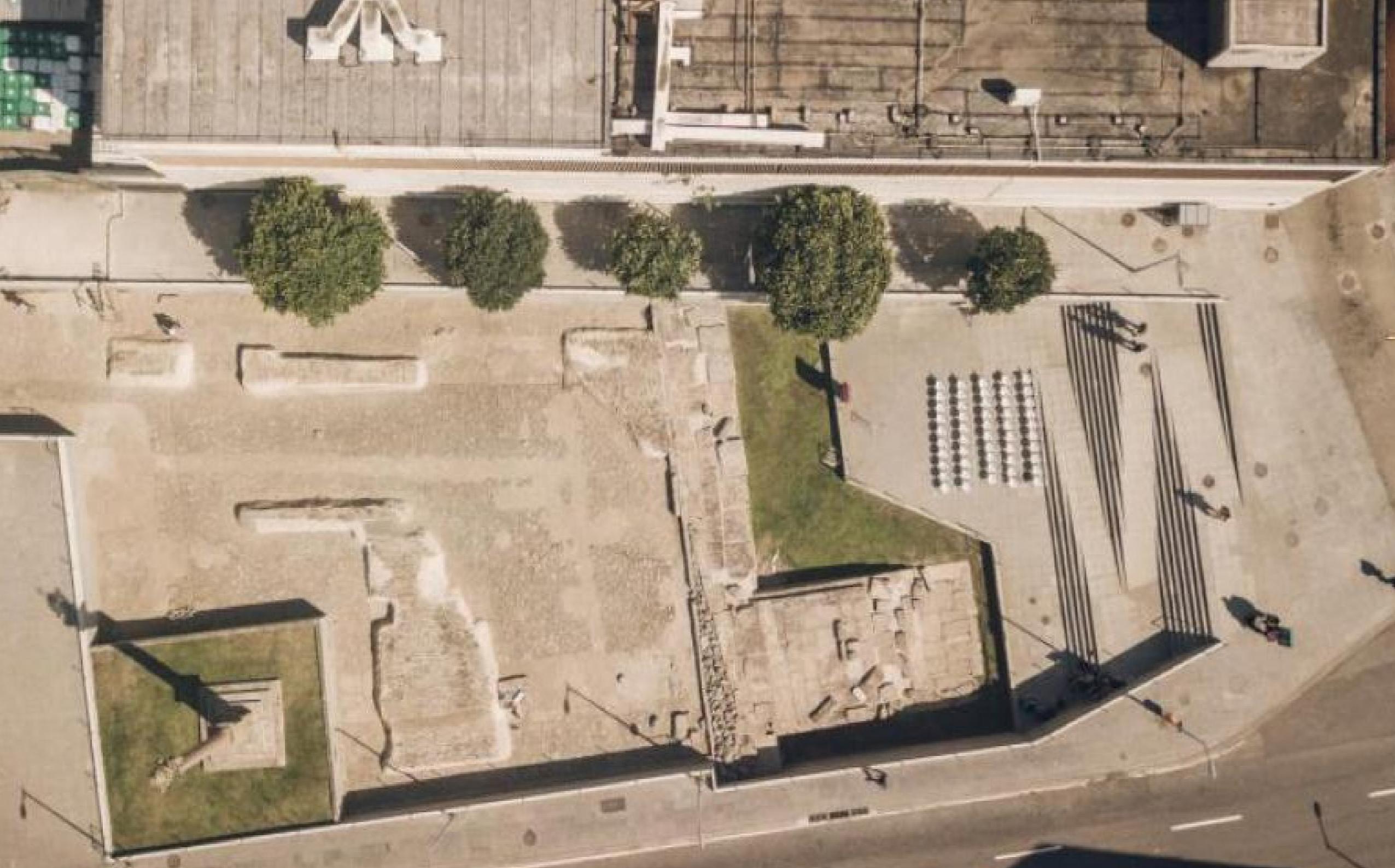


5º Pavimento



Corte longitudinal

Museu Nacional de História Afro Americana - David Adjaye
Fonte da imagem: Darren Bradley e David Adjaye



Cais do Valongo

Fonte : Instituto de Desenvolvimento e Gestão



Instituto Pretos Novos
Fonte : Instituto Pretos Novos

ESTAÇÃO SARACURAVAI-VAI



III. CONCEPÇÃO PROJETUAL

Ao analisar os dados estudados e compreender as necessidades e características do local, foi possível identificar que o Quilombo Saracura, o Rio Saracura, o samba e a fé fazem parte da tradição do povo negro do território do Bixiga, transmitida com orgulho, geração após geração, por meio das memórias.

Contudo, apesar de sua força cultural, os rastros dessa história são frequentemente ocultados, tratados como se fossem insignificantes por aqueles que os negam, essas memórias são vistas como inconvenientes e apagadas por narrativas que desconsideram o valor de muitas vidas que ali existiram.

Não apenas a história do Quilombo Saracura, mas todo o entorno do território do Bixiga, carrega marcas profundas das vidas negras e escravizadas, apesar disso, a grande metrópole tende a esconder essas memórias com novos significados que considera mais valiosos para si.

A Linha 6-Laranja do metrô, atualmente em construção no bairro do Bixiga, exemplifica esse processo de apagamento, assim, este trabalho propõe a construção da estação de metrô Saracura-Vai-Vai como um projeto que resgata e reforça a memória da história negra da região.

Dessa forma, o projeto busca respeitar o desejo da população: a estação será mantida, mas o apagamento histórico não.

Este projeto tem como intuito transformar os vestígios encontrados no terreno em uma memória viva por meio da arquitetura, valorizando sua existência e história. Com base em três pontos principais, a estruturação do projeto segue as diretrizes a seguir:

III. CONCEPÇÃO PROJETUAL

Delimitação de um terreiro do samba: A fim de resgatar o local onde estava situada a sede social e o palanque de eventos da Vai-Vai, atualmente ocupado pelo canteiro de obras do metrô, propõe-se a criação de uma praça seca, permitindo que a população volte a interagir com esse espaço. O projeto também prevê a desapropriação de um prédio de garagem adjacente, que será transformado na nova sede da escola de samba Vai-Vai.

Museu de rastros negros: Incorporado à estrutura da estação de metrô, o museu destacará os vestígios encontrados durante os estudos, valorizando tanto a comunidade local quanto os achados arqueológicos recuperados durante as escavações.

Construção da estação de metrô: A estação será integrada ao espaço de forma a não comprometer os fluxos urbanos, destacando, ao mesmo tempo, os elementos históricos e culturais da região.

III. I CONTENÇÃO DAS FUNDAÇÕES

Ao se observar o terreno no qual a estação está localizada, pode-se perceber tratar-se de um local adensado, onde o fluxo de pessoas é alto devido a se tratar de um local central para o bairro da Bela Vista.

Assim, a fim de criar a concepção de como seria a área do projeto, delimitou-se o perímetro da estação, respeitando o espaço das edificações adjacentes e suas fundações, a fim de evitar danificar as estruturas e comprometer a estabilidade das construções já existentes no local.

Outro espaço que teve suas fundações respeitadas foi o Viaduto Dr. Plínio de Queiroz, localizado acima da Praça 14-Bis, onde a estação possui uma entrada.

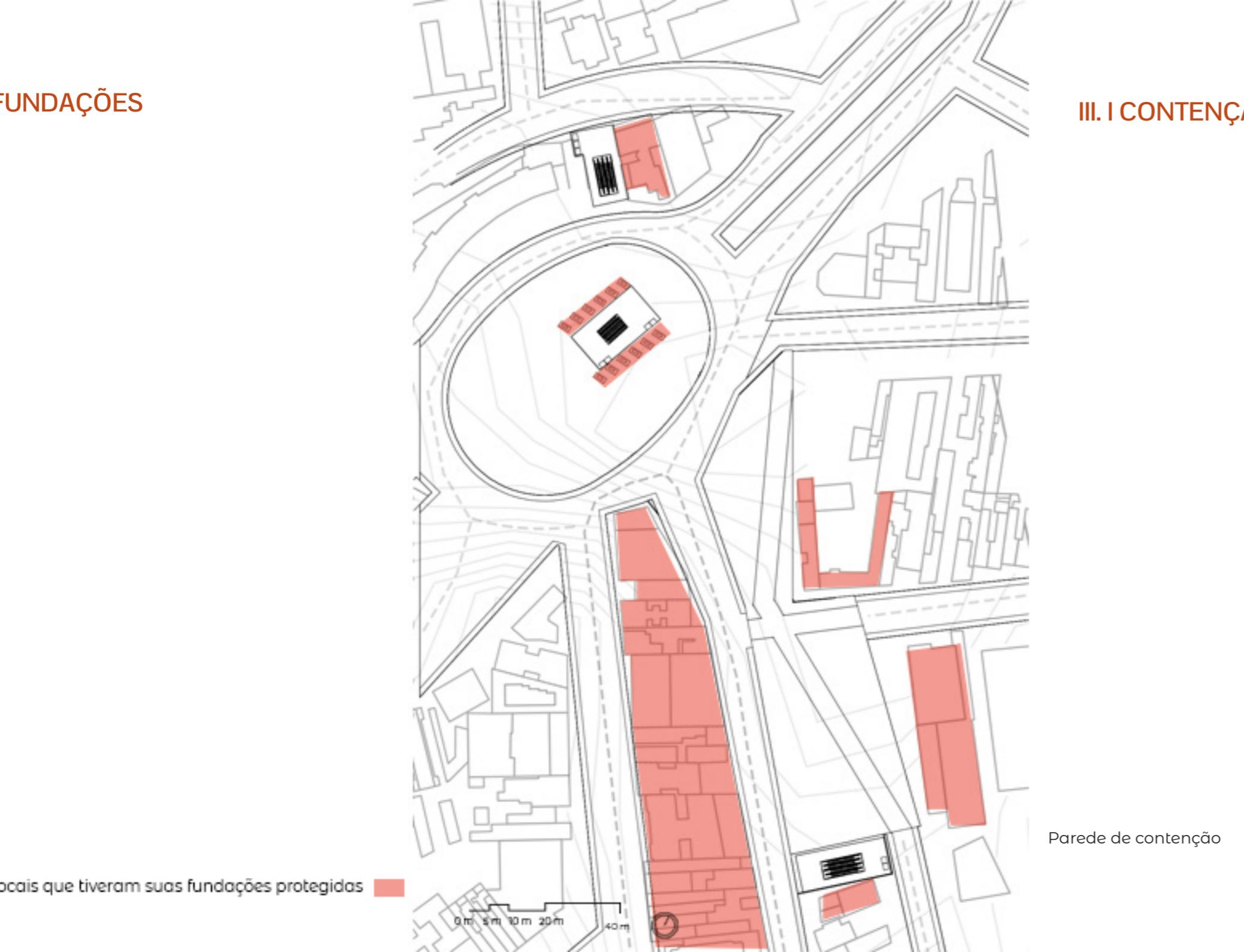
Para manter a estabilidade das questões estruturais dos edifícios pré-existentes no terreno, foi proposta a realização da técnica de solo grampeado, juntamente com a construção de uma parede de contenção de concreto com 60 cm de espessura. Dessa forma, as estruturas das fundações das pré-existentes adjacentes ficarão protegidas da escavação da estação de metrô, garantindo sua estabilidade e segurança.

III. I CONTENÇÃO DAS FUNDAÇÕES

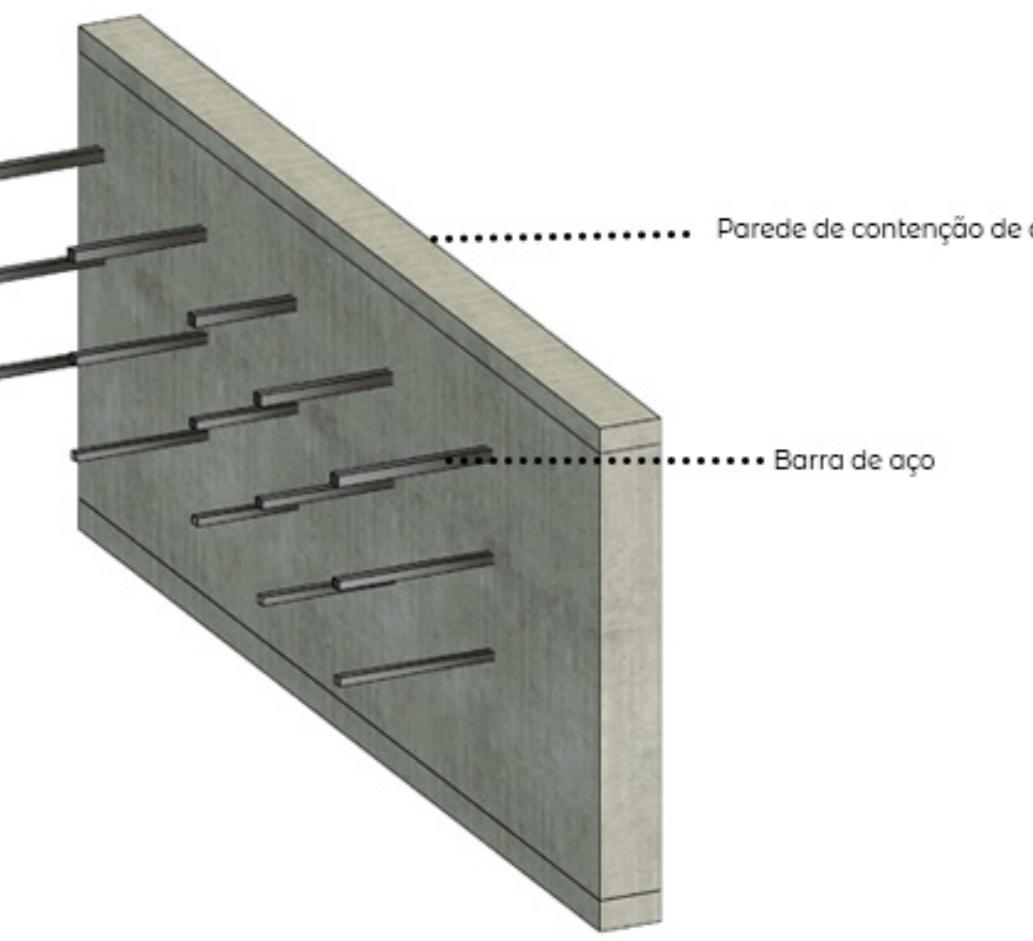
Perímetro da estação



III. I CONTENÇÃO DAS FUNDAÇÕES



III. I CONTENÇÃO DAS FUNDAÇÕES



Parede de contenção

III. II SISTEMA VSE

A estação necessita de um sistema de saída de emergência e ventilação (VSE), no projeto de estruturação realizado pela concessionária que administra a Linha 6-Laranja, esse sistema está localizado a 1,2 km de distância do terreno de onde se encontra a estação Saracura-Vai-Vai.

Assim este projeto propõe a criação de um sistema de VSE em uma localidade mais próxima, facilitando o escoamento das pessoas em situações de risco de forma mais eficiente e ordenada. Desta forma, propõe-se a desapropriação de um estacionamento para a instalação da estrutura do VSE, otimizando sua localização e funcionalidade.

sugere-se que o traçado amarelo seja a rota de fuga planejada para esse sistema.

Sistema VSE proposto



III. II SISTEMA VSE

Sistema VSE proposto
Perímetro da estação



III. III TERREIRO DO SAMBA

A fim de trazer a Vai-Vai de volta às suas raízes, o projeto propõe a reestruturação da agremiação da escola de samba, organizando-a em um edifício ao lado de onde ficava a sede original, possibilitando assim o retorno das festividades.

Deste modo, foi definido que o terreno acima da estação, localizado entre as ruas Cardeal Leme, Dr. Lourenço Granato e São Vicente, será transformado em uma praça seca, devido à impossibilidade de plantio de vegetação, considerando que a estrutura da estação de metrô está logo abaixo.

A praça foi concebida com o ideário de ser um terreiro do samba, retomando sua função de convergência social. Antes da remoção da agremiação, esse espaço reunia pessoas de diferentes origens para festas, rodas de samba e cultos de fé de matriz africana.

O terreiro é pensado como um espaço flexível, cujo uso não será imposto pelo projeto, mas sim definido pelos próprios usuários, além disso, a terreiro proporcionará um respiro visual à paisagem urbana, destacando-se em meio as edificações com gabaritos altos, criando um espaço vazio apropriado para os usos que serão realizando ali. Como mencionado anteriormente, a forma das ruas do entorno foram

definidas pela ocupação do chão pelo Quilombo Saracura (Lima,2020).

As três ruas que delimitam o terreiro do samba ,Rua Cardeal Leme, Rua Dr. Lourenço Granato e Rua São Vicente, formam um ponto de referência conhecido pela comunidade do Bixiga como o “Tridente de Exu”.

Esse ponto, centralizado na interseção dessas vias, e será destacado por um marco representando Exu, em homenagem à importância do orixá para a religiosidade de matriz africana e para a história da Vai-Vai, visto que na década de 1970 o antigo presidente da Vai-Vai, Chiclé, que era do candomblé, realizou o assentamento de Exu na sede da agremiação.

Exu, protetor dos caminhos e dos terreiros, é simbolicamente relevante tanto para a escola quanto para a comunidade. A fim de criar uma unidade no terreiro e aumentar sua capacidade de recepção, o perímetro da praça foi ampliado, abrangendo as ruas Dr. Lourenço Granato e São Vicente, com isso, o fluxo de veículos será interrompido, mantendo apenas o tráfego de pedestres nessas vias locais, o que não acarretará grande impacto na fluidez do trânsito.

Como mencionado anteriormente, a forma das ruas do entorno foram

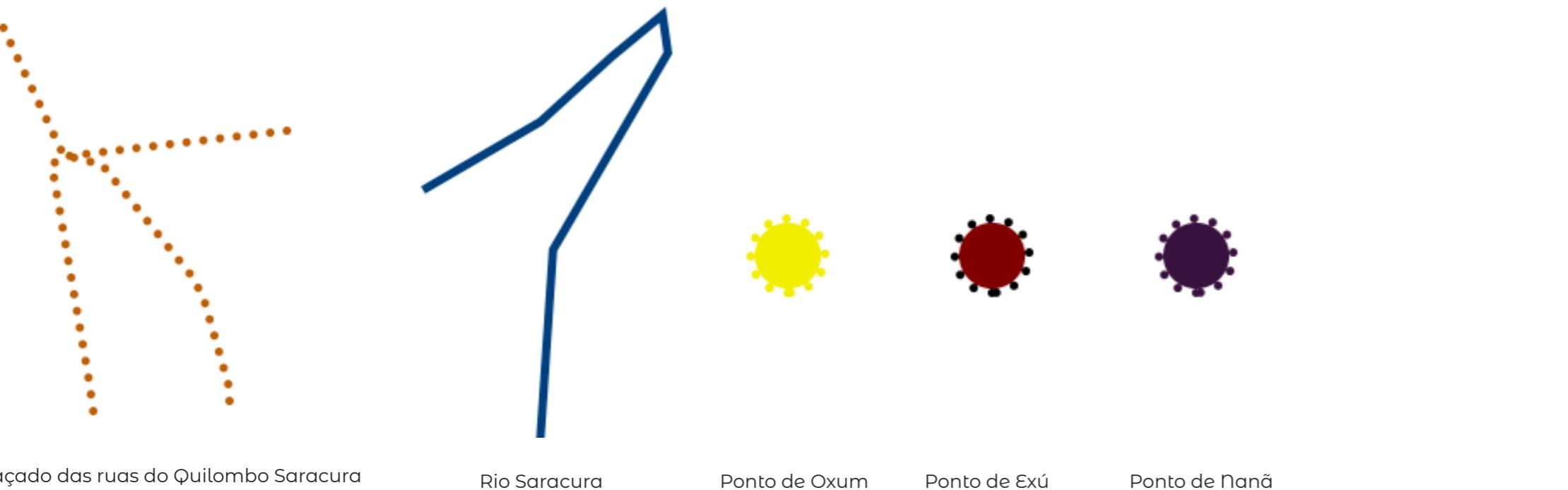
Outros pontos relacionados aos orixás foram identificados no terreiro do samba e integrados ao projeto, por exemplo, o ponto onde o rio Saracura se converge foi associado a Oxum, orixá das águas doces, rios e cachoeiras.

O chão do terreiro é simbolicamente associado a Nanã, que representa a terra e a conexão entre a água e o solo.

Dessa forma, o projeto busca homenagear os aspectos religiosos e culturais da comunidade por meio de elementos simbólicos.

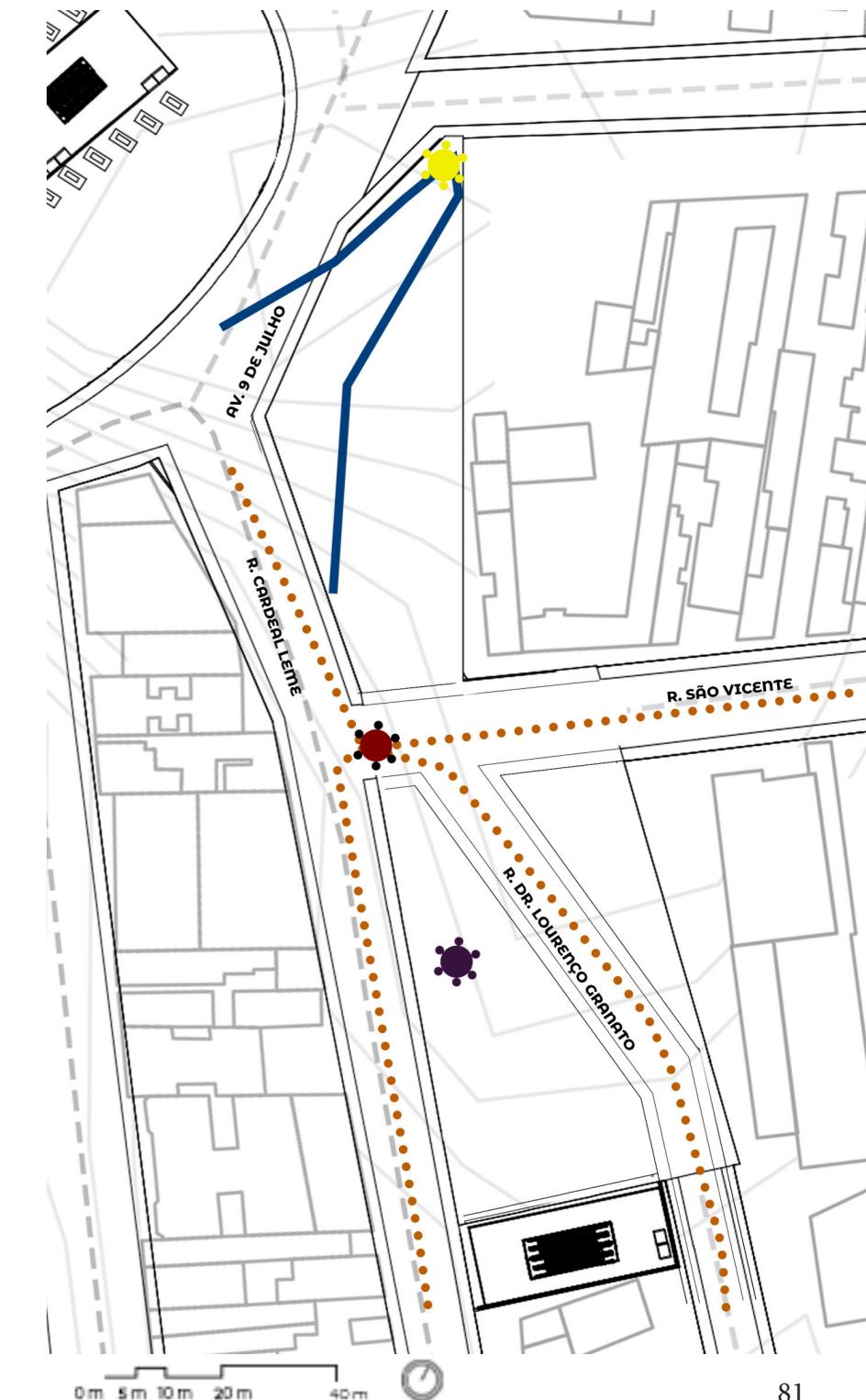
Entre as escolhas projetuais, destacam-se o uso de tijolos de solo-cimento para o chão do terreiro e a instalação de um marco na encruzilhada das ruas, simbolizando Exu como protetor do terreiro, os caminhos seguem as marcas do rio Saracura, conectando-se às ruas que foram delimitadas pelo Quilombo Saracura (Lima,2020), assim representando Oxum se ligando ao Quilombo.

III.III TERREIRO DO SAMBA

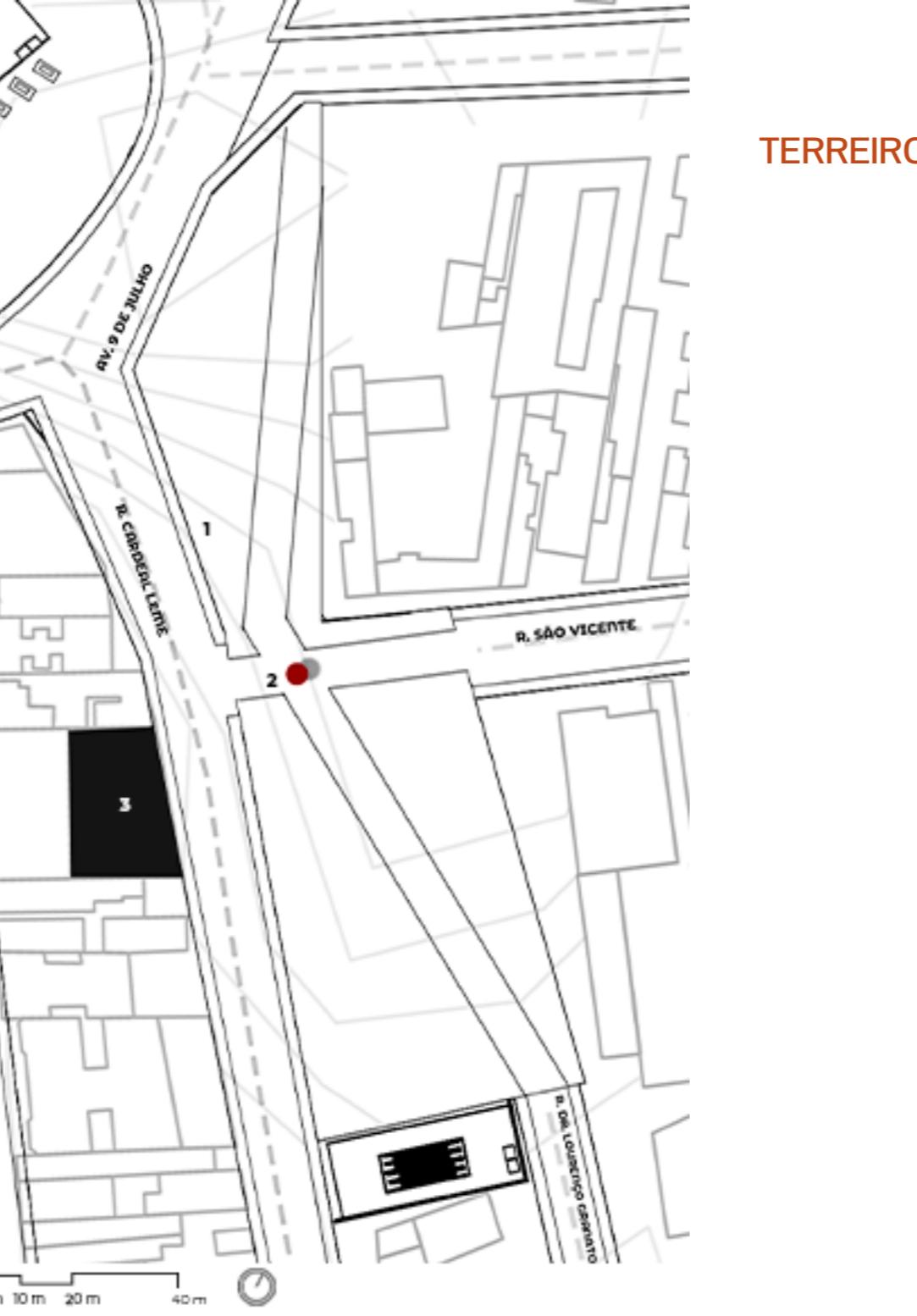


III.III TERREIRO DO SAMBA

Diagrama de rastros



TERREIRO DO SAMBA



TERREIRO DO SAMBA



III. IV ENTRADAS PARA A ESTAÇÃO

Após definir a delimitação do terreiro, foram estabelecidas as entradas da Estação Saracura-Vai-Vai. Afim de suprir as necessidades de utilização e distribuir o fluxo de entrada e saída da estação, foram definidos três pontos de acesso:

Entrada A: Localizada na Rua Paim, direciona o fluxo para o bairro da Consolação.

Entrada B: Localizada abaixo do Viaduto Dr. Plínio de Queiroz, na Praça 14-Bis, esse ponto concentra um fluxo de pessoas devido à proximidade com a Avenida 9 de Julho, além da presença de um ponto de ônibus e a grande quantidade de comércios e serviços na região.

Entrada C: Localizada no Terreiro do Samba, atende ao fluxo interno das quadras e às pessoas que utilizam o terreiro durante as festividades promovidas ali. A fim de criar uma continuidade e percepção de sistema, todas as entradas possuem a mesma linguagem sobre o solo.

A utilização da taipa de pilão foi escolhida como uma forma de explicitar a ligação do chão com a história do quilombo, demarcando as entradas da estação.

Dessa forma, ao entrar na estação, a história do chão começa a ser contada. As estruturas de taipa das entradas possuem um rodapé de 50 cm de concreto, impedindo que a terra da taipa entre em contato com áreas úmidas, o mesmo tratamento é aplicado no roda-teto, que entra em contato com a cobertura das entradas.

III. IV ENTRADAS PARA A ESTAÇÃO

A estação se estrutura em duas partes, a primeira consiste em um museu de rastros negros do território, promovendo a preservação dos achados arqueológicos do Quilombo Saracura, e dos rastros negros no território descritos anteriormente, esse espaço destaca o povo negro, suas culturas e costumes, demarcando sua presença e história no território.

A segunda parte abrange as plataformas do metrô e de um mezanino de apoio para a chegada, saída e distribuição dos passageiros, garantindo um fluxo livre.

Os níveis de todas as estações possuem um pé-direito de 6 metros, essa altura foi escolhida para desenvolver, no usuário, a ideia de monumentalidade, segundo Joan Meyers-Levy e Rui Zhu, da Universidade de Minnesota (2004), a altura do pé-direito afeta a percepção e a experiência dos ocupantes a teoria sugere que um pé-direito alto pode influenciar a forma como os indivíduos percebem o espaço e suas emoções, criando uma sensação de grandeza e expansividade.

Isso ocorre devido ao aumento da percepção de volume e profundidade, interpretado como maior liberdade e amplitude.

A fim de criar uma continuidade visual e reforçar a percepção de sistema, todas as entradas foram projetadas com a mesma linguagem estética sobre o solo, a taipa de pilão foi escolhida como material para simbolizar a conexão entre o chão e a história do quilombo, marcando as entradas da estação no tecido urbano.

Dessa forma, ao adentrar a estação, o visitante é convidado a vivenciar a narrativa histórica do chão.

Além das entradas, a taipa de pilão também foi incorporada em elementos internos da estação e do museu, como expositores e paredes divisórias entre os elevadores, mantendo o mesmo significado simbólico de demarcação e pertencimento ao território.

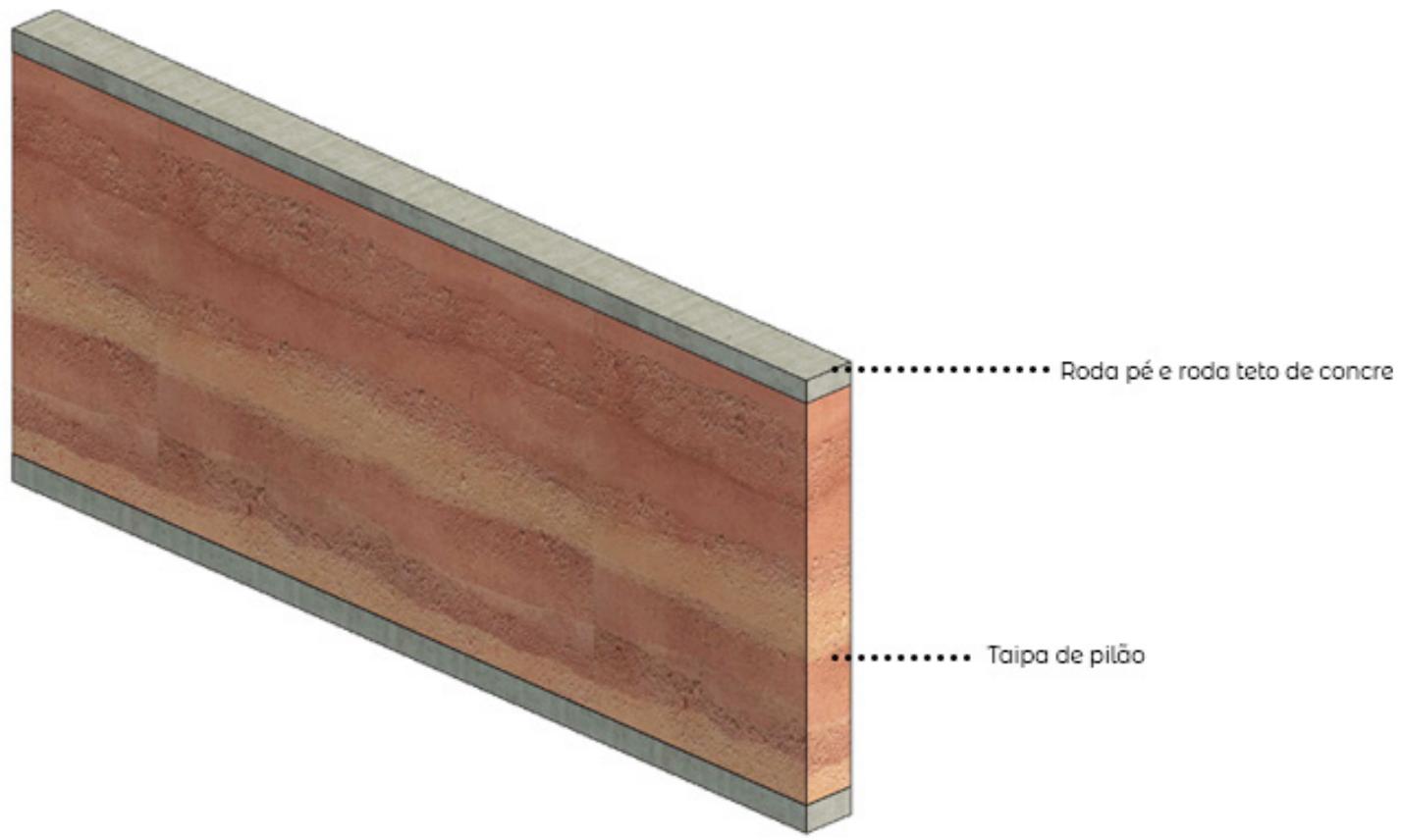
III. IV ENTRADAS PARA A ESTAÇÃO

- 1- Entrada A
- 2- Entrada B
- 3- Entrada C
- 4- Viaduto Dr. Plínio de Queirós



III. IV ENTRADAS PARA A ESTAÇÃO

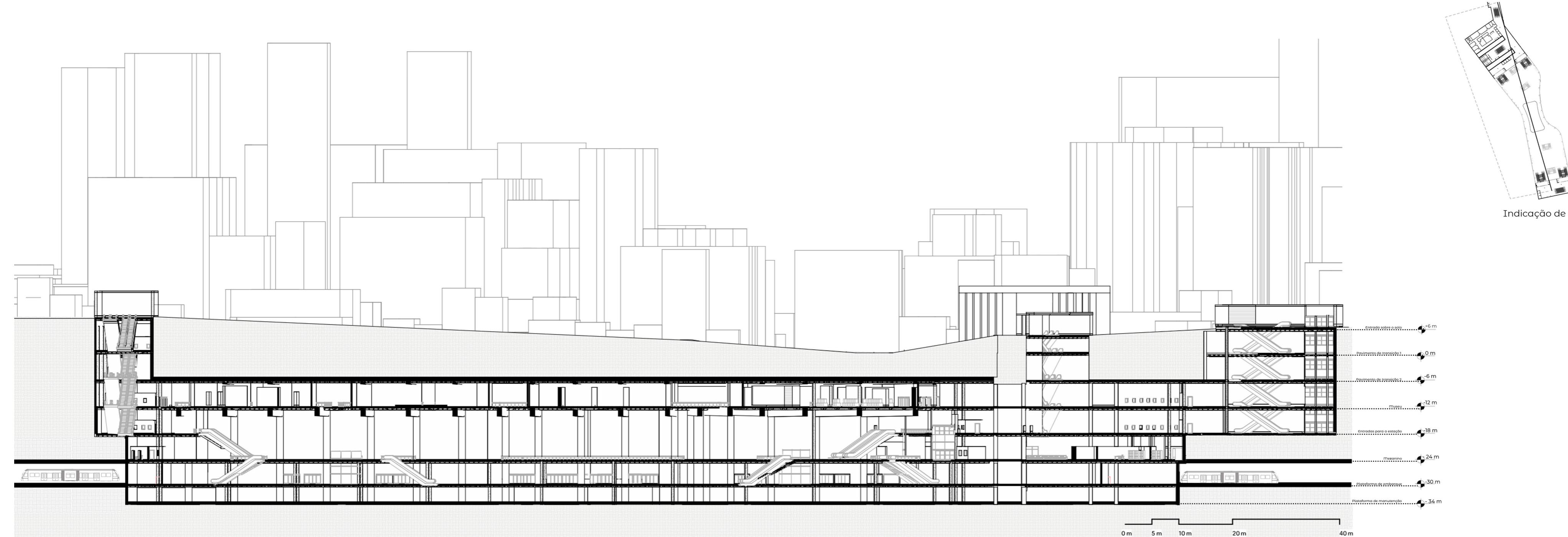
Diagrama da estrutura de taipa



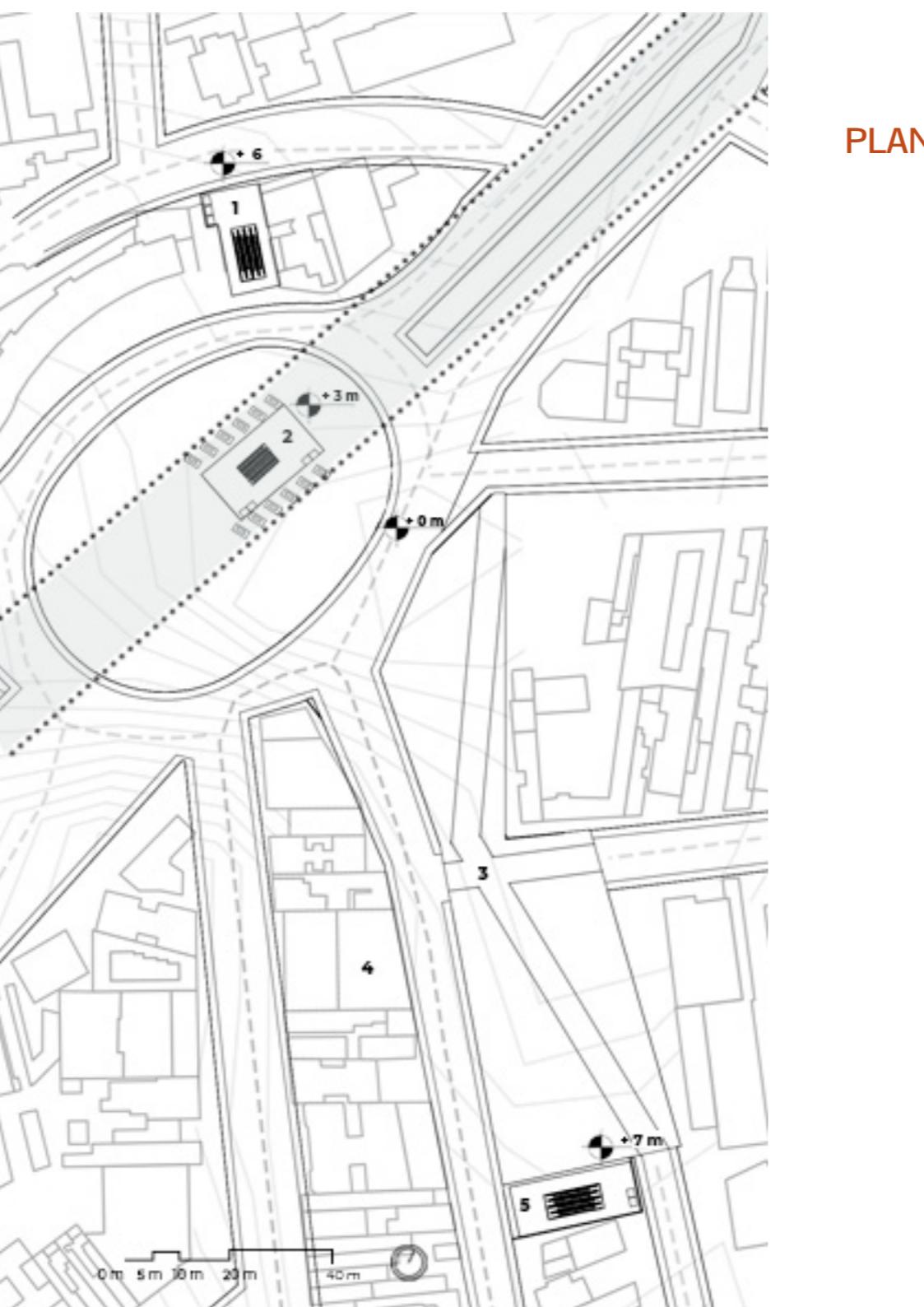


Perspectiva da entrada para a estação

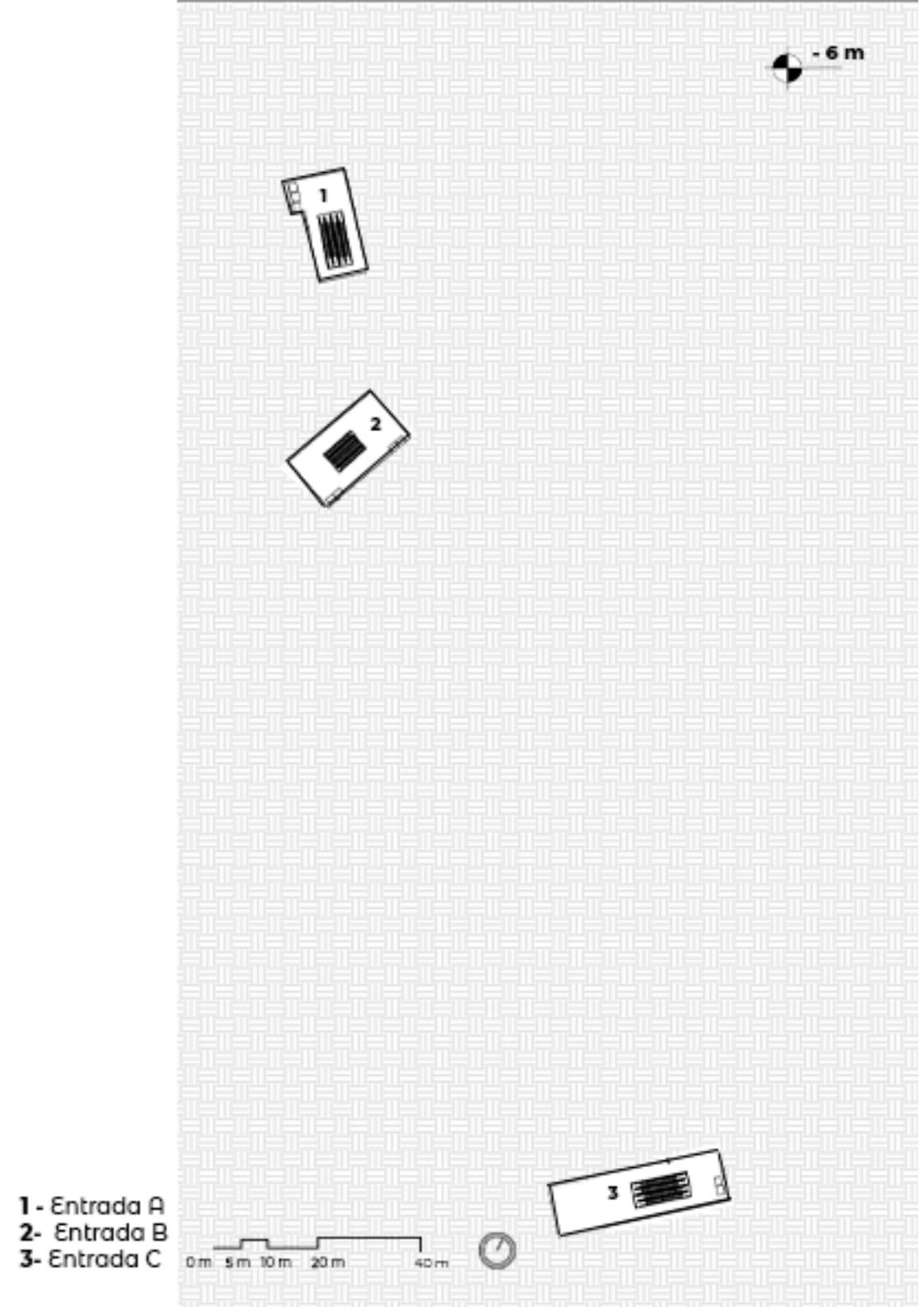
CORTE LONGITUDINAL



PLANTA DAS ENTRADAS



PLANTA DAS PLATAFORMAS DE TRANSIÇÃO



III. V MUSEU DE RASTROS NEGROS

A entrada para o museu está localizada a -12 metros do nível do chão, no nível -3 da estação Saracura Vai-Vai.

Sua estrutura está contida sobre vigas paredes protendidas com seção de 2 metros de altura e 1 metro de largura, com vãos que se estendem pela seção transversal do museu, escoradas em pilares de concreto protendido de 1,5 x 1,5 m metros. Dessa forma, a estrutura robusta sustenta tanto o museu quanto sua passarela.

O museu é um local expansivo, e a definição do seu espaço é algo condicionado pelas exposições que abriga. Por isso, foram propostos espaços fixos e móveis, que podem ser usados conforme o planejamento deste projeto, mas também redefinidos pelos usuários locais e artistas que se apresentarão ali. Dessa forma, respeita-se o conceito de Louis Kahn sobre a “cultura do local”, já que o espaço foi criado para a comunidade e para ser utilizado por ela.

O espaço do museu conta com uma área administrativa e quatro espaços que narram a história do povo negro e os rastros encontrados no território

A parte administrativa do museu está localizada entre as entradas A e B. Embora próxima às instalações do museu, ela permanece oculta ao público, com acesso exclusivo para os funcionários.

A história do museu começa com o Quilombo e o Rio Saracura, apresentando achados arqueológicos expostos para que os visitantes conheçam e vejam o passado preservado pela terra. Além disso, propõem-se salas separadas para áudio, onde será possível ouvir as histórias dos ancestrais que viveram ali, quando o quilombo era demarcado, garantindo a propagação dessas narrativas e evitando seu esquecimento.

Considerando que a oralidade é uma das raízes da cultura negra (Gilroy,2001), também será possível escutar os sons do Rio Saracura, ainda audíveis nas ruas do Bixiga. Salas de projeção foram incluídas para contar a história do quilombo e do rio por meio de imagens.

O segundo espaço será destinado a exposições temporárias, valorizando os artistas locais, que terão um local adequado para expor suas obras.

III. V MUSEU DE RASTROS NEGROS

Dedicado à fé no território do Bixiga e do povo negro o terceiro espaço acomoda um espaço vazio com um círculo de terra elevado no centro, configurando-se como um local apropriado para expressões religiosas por meio de assentamentos e oferendas. As aberturas no espaço do pavilhão reforçam essa simbologia, visto que, segundo Reginaldo Prandi em Mitologia dos Orixás(2001), a encruzilhada em formato de cruz simboliza o encontro de todos os caminhos e direções. Assim, o espaço se constitui como um lugar a ser vivenciado.

O quarto espaço narra a história de luta do povo por meio do samba. Ele conta com espaços interativos para gravações de música e projeções, além de áreas dedicadas à exposição da história da Vai-Vai. No centro, em outra encruzilhada cruzada, há uma grande sala destinada à instalação de rodas de samba, esse espaço pode ser utilizado tanto para encontros interativos quanto para apresentações

ESTRUTURA DE SUSTENTAÇÃO DO MUSEU

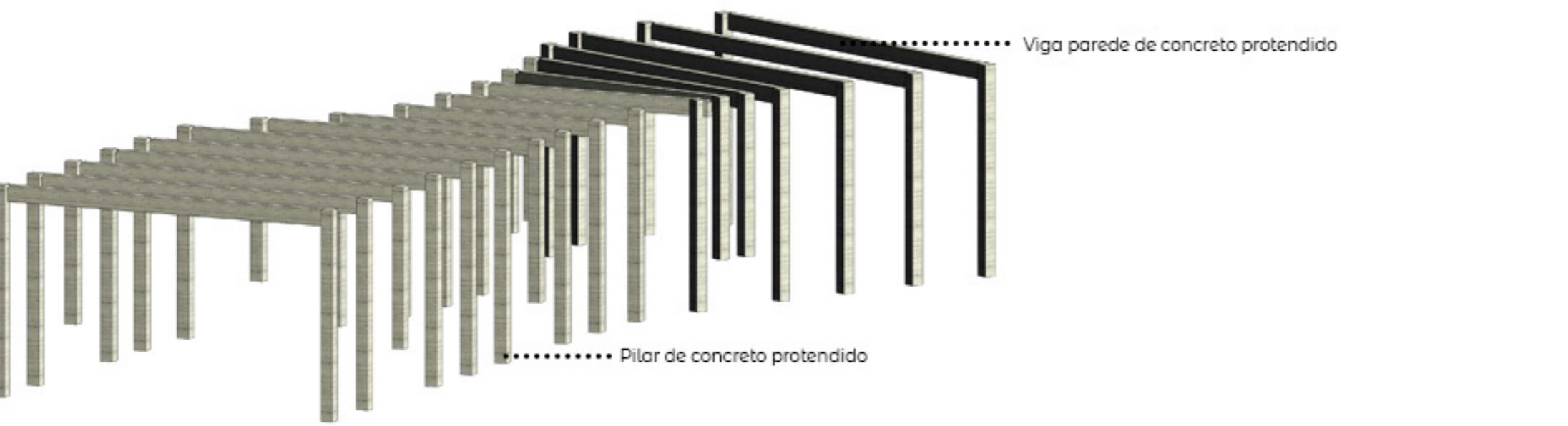
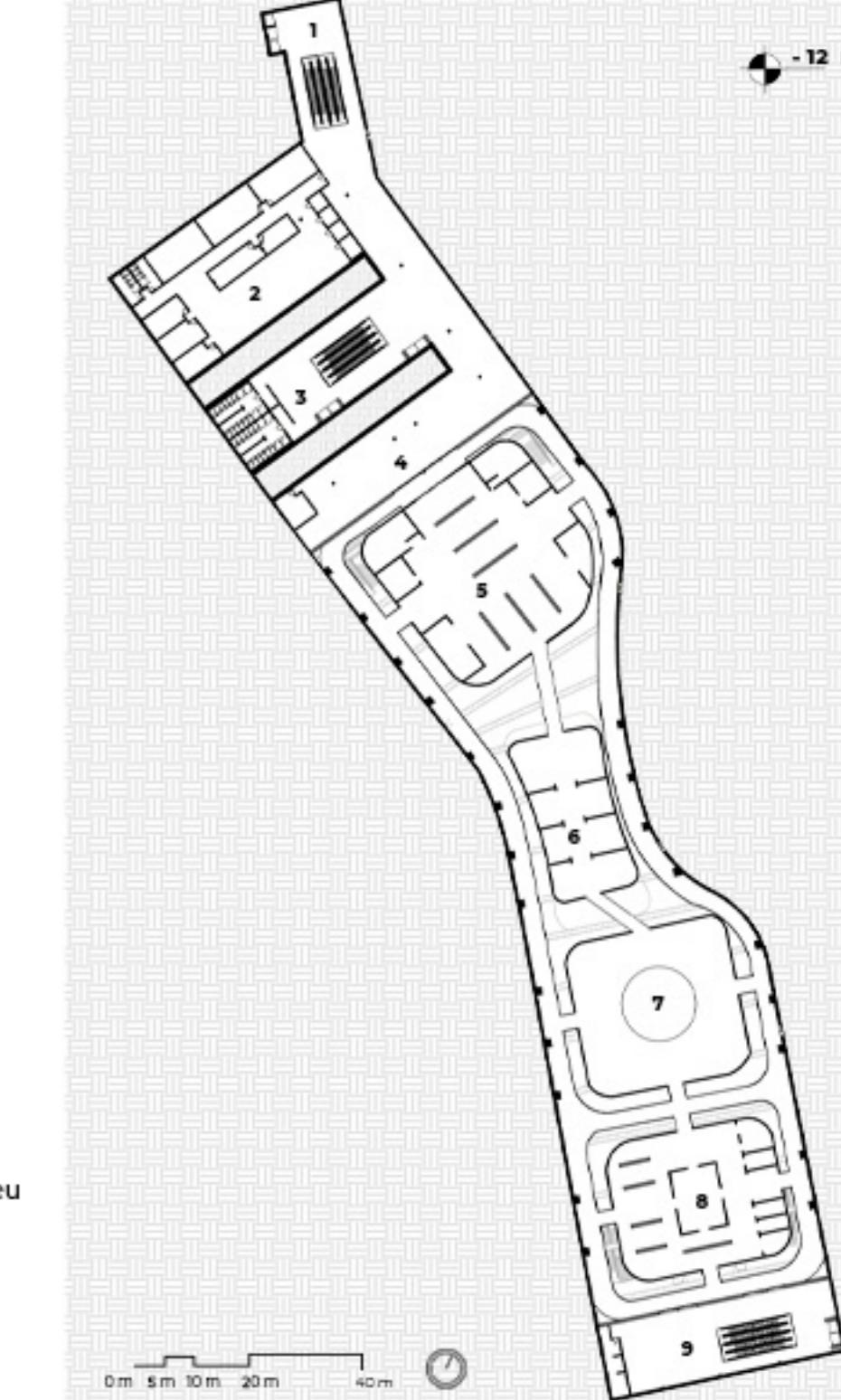


Diagrama da estrutura de sustentação do museu

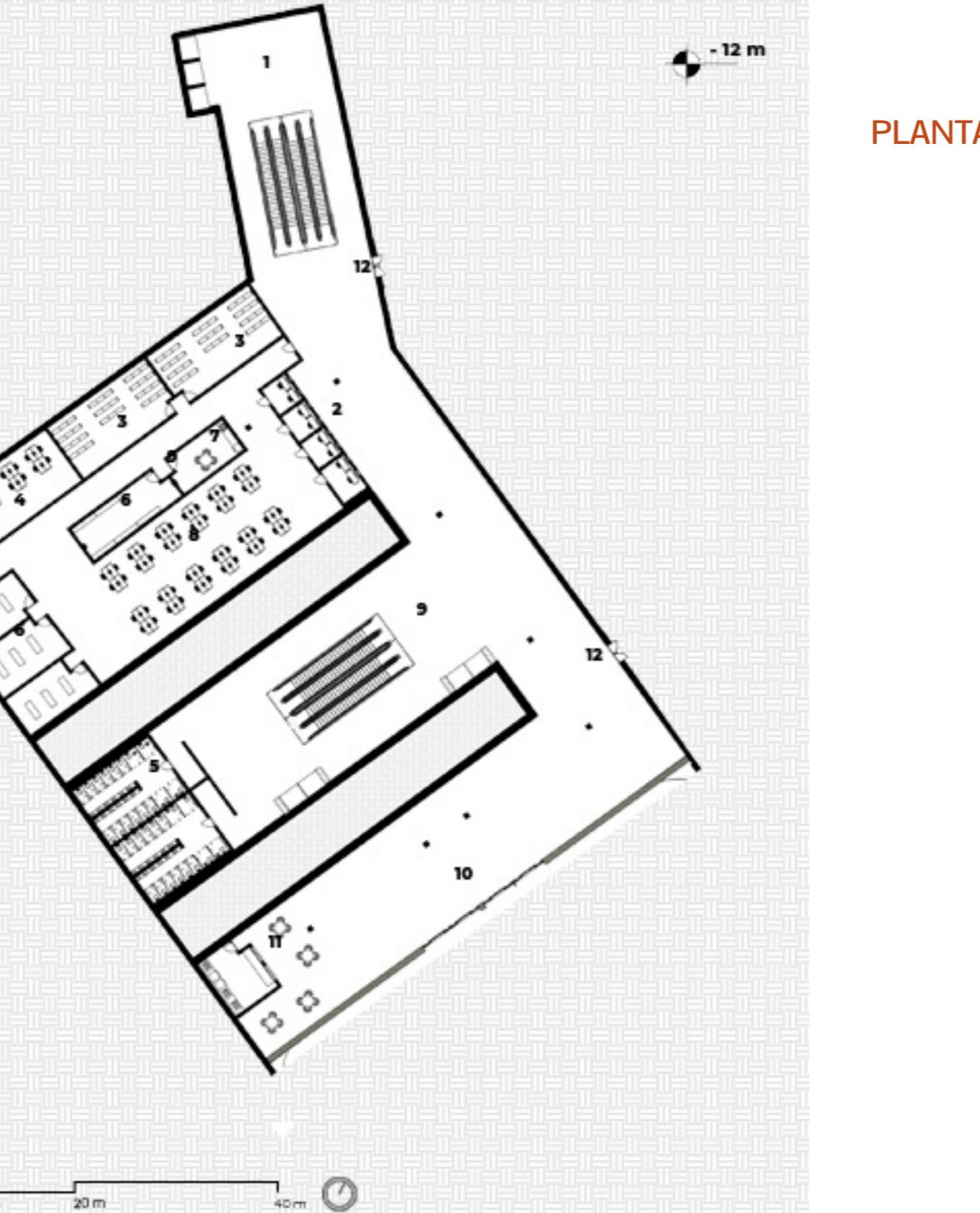
PLANTA DO MUSEU

- 1- Entrada A
- 2- Espaço Administrativo do museu
- 3- Entrada B
- 4- Entrada para o museu
- 5- Espaço Saracura
- 6- Salas de exposição temporária
- 7- Espaço da Fé
- 8- Espaço do Samba
- 9- Entrada C



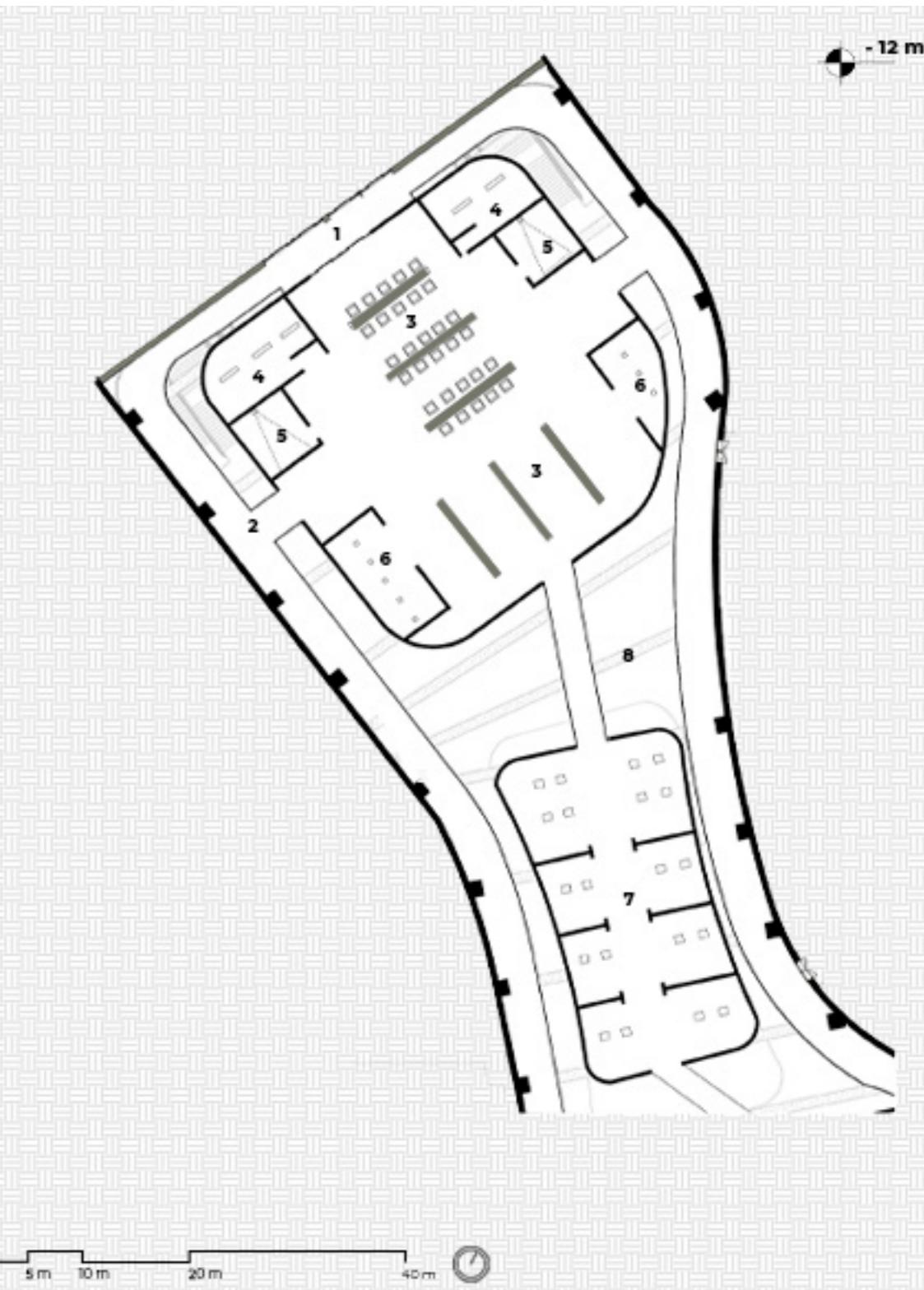
PLANTA EM DETALHE DO MUSEU

- 1 - Entrada A
- 2- Bilheteria
- 3- Reserva técnica
- 4- Salas de restauro
- 5- Banheiros
- 6- Salas de armazenamento
- 7- copa
- 8- Escriório
- 9- Entrada B
- 10- Entrada museu
- 11- lanchonete
- 12- Saída de emergência



PLANTA EM DETALHE DO MUSEU

- 1 - Entrada do museu
- 2- passarela
- 3- Exposições
- 4- Salas de áudio
- 5- Salas de projeções
- 6- salas de exposição
- 7- Salas de exposições temporárias
- 8- Vigas parede de sustentação do museu





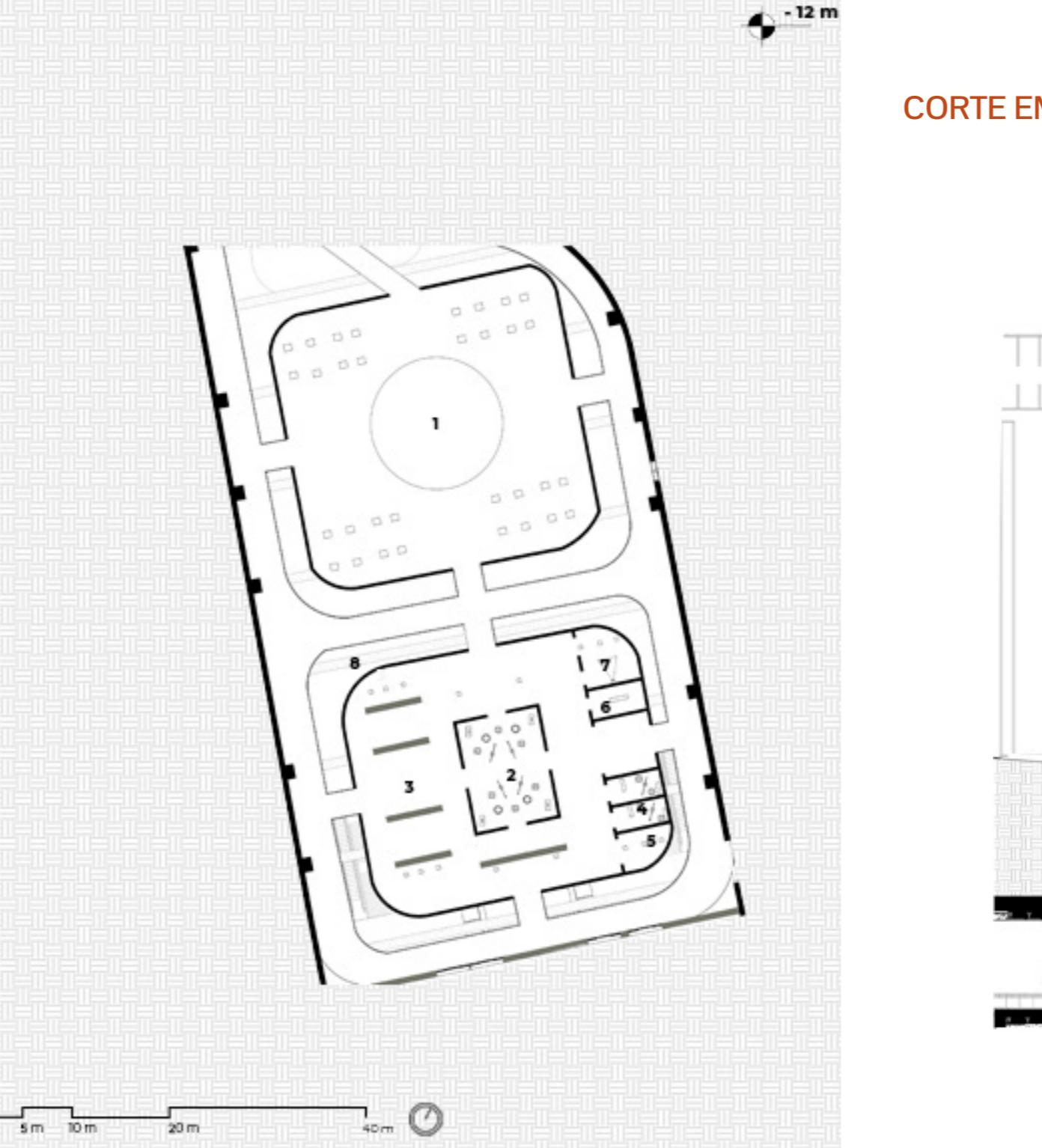
Perspectiva da entrada do museu



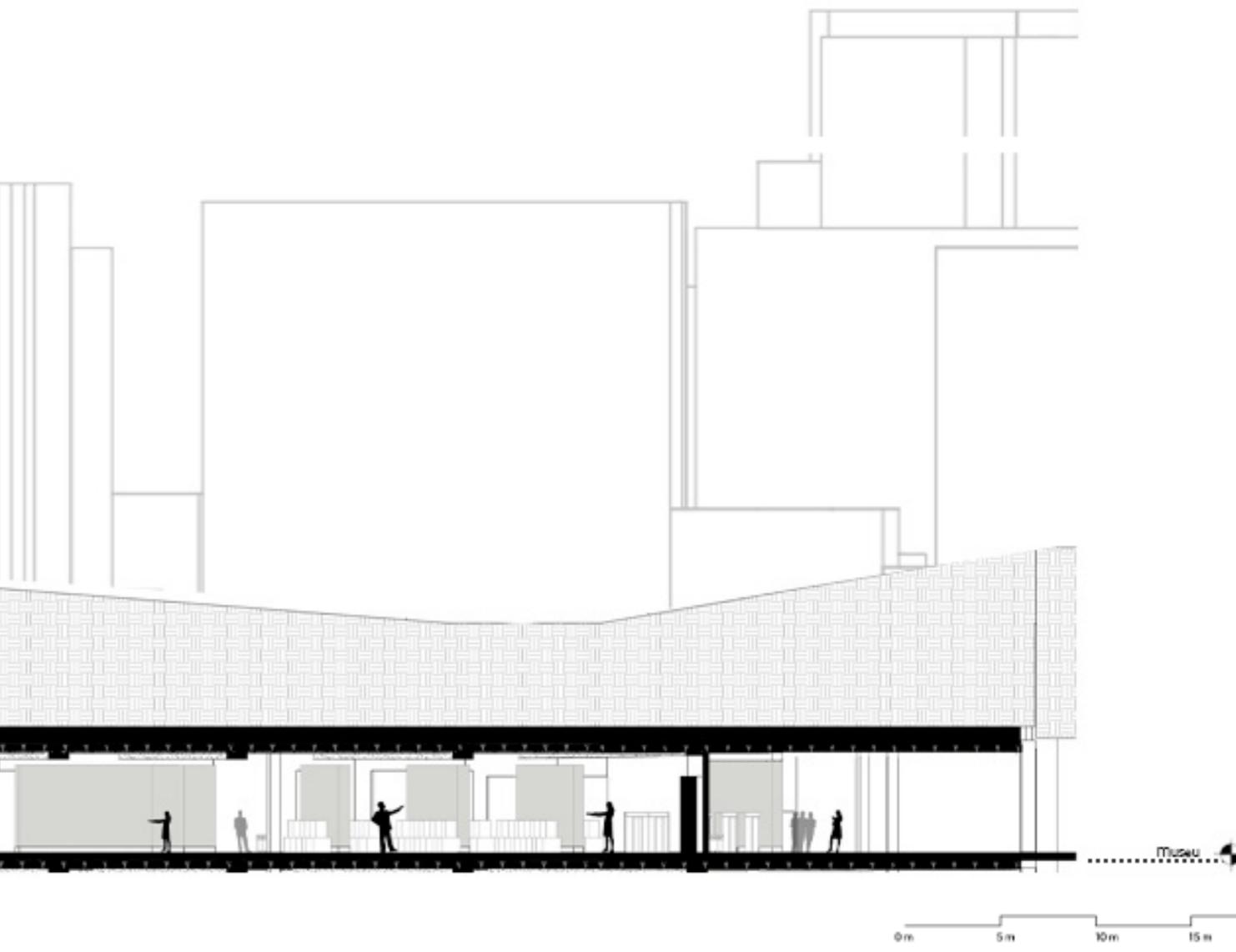
Perspectiva da exposição sobre o Quilombo e o Rio Saracura

PLANTA EM DETALHE DO MUSEU

- 1 - Ponto de encruzilhada
- 2- Espaço do Samba
- 3- Exposições
- 4- Salas de gravação
- 5- Salas de exposição
- 6- sala de áudio
- 7- Salade projeção
- 8- Vigas paredes de sustentação do museu



CORTE EM DETALHE





Perspectiva da passarela do museu



Perspectiva da passarela do museu

III. VI ESTAÇÃO SARACURA VAI-VAI

A estação foi projetada para garantir um fluxo constante e eficiente de passageiros. O uso de corredores amplos e passagens estratégicamente posicionadas foram utilizados a meio de evitar congestionamentos, assegurando que o escoamento das pessoas ocorra de maneira ordenada e sem interrupções.

Áreas como bilheterias, serviços de informação e segurança foram dispostas de forma a não interferir no movimento natural dos passageiros.

Há, no projeto, a preocupação com a acessibilidade, desta forma, a estação foi projetada para que pessoas com mobilidades reduzidas possam adentrar em todos os espaços, através de escadas rolantes e elevadores nos pontos de circulação vertical da estação.

A parte administrativa do metrô está localizada estratégicamente entre as entradas A e B, assim como a do museu, essa disposição foi projetada para não interromper o fluxo de passageiros e para separar as áreas públicas das destinadas aos funcionários.

O mezanino da estação possui uma grande abertura em

seu centro, permitindo uma interação visual entre os diferentes espaços, assim os passageiros na plataforma podem observar o museu, enquanto os visitantes do museu têm a oportunidade de acompanhar as atividades da estação. Essa conexão visual reforça o conceito integrado do projeto, unindo funcionalidade e cultura.

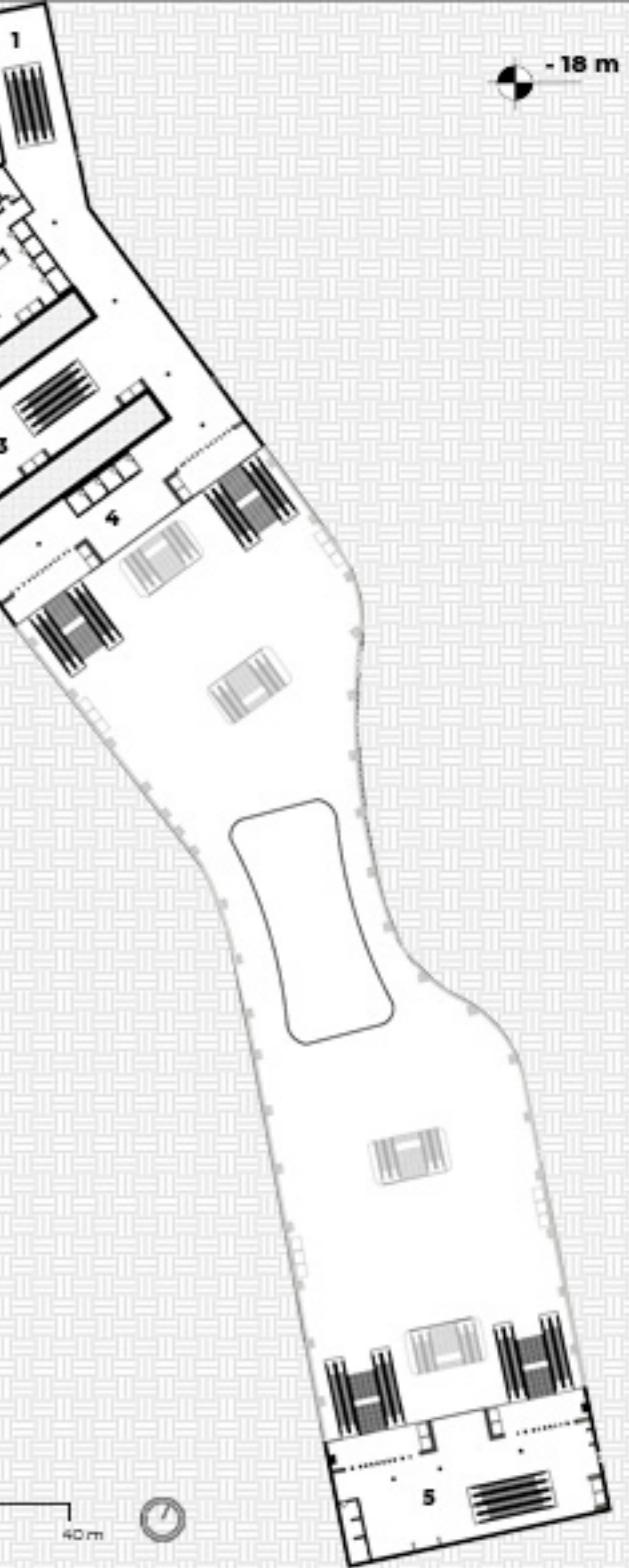
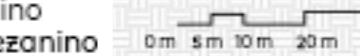
Na plataforma, há dois túneis que atendem os trajetos planejados pela estação: o sentido Brasilândia - São Joaquim e São Joaquim - Brasilândia, para este projeto, foram instaladas portas de abertura automáticas, proporcionando maior segurança durante o embarque e desembarque, especialmente devido ao intenso fluxo de passageiros esperado.

Além das funções operacionais, a plataforma também foi projetada com um espaço destinado a exposições de arte, reforçando a presença do museu e destacando os traços da cultura negra no ambiente, em sintonia com o tema central do projeto.

A plataforma de manutenção, localizada no último piso da estação, é destinada à manutenção dos trilhos e sistemas elétricos.

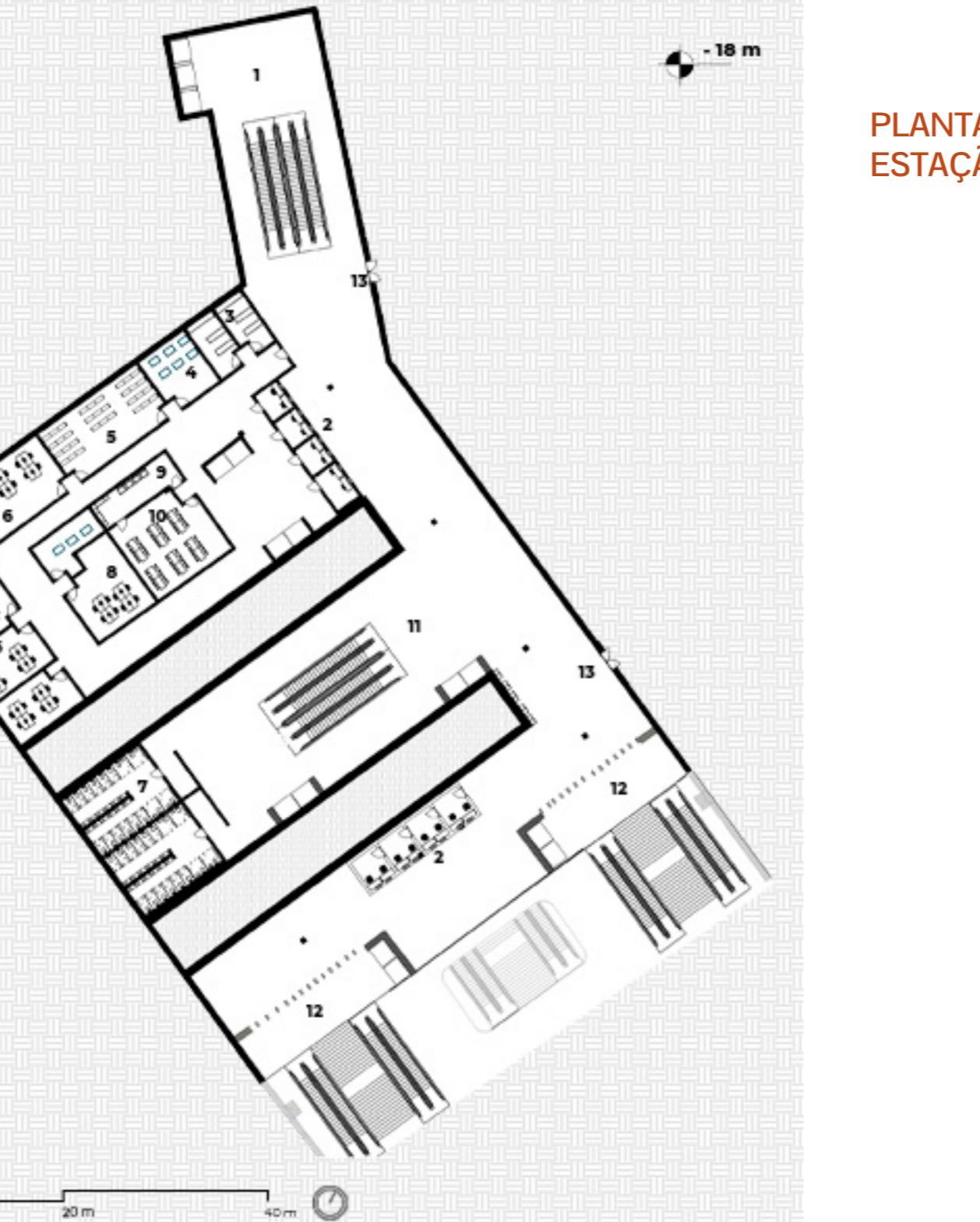
PLANTA ENTRADA PARA A ESTAÇÃO

Entrada A
Espaço Administrativo do metrô
Entrada B
Catracas/entrada para o mezanino
Entrada C / entradas para o mezanino



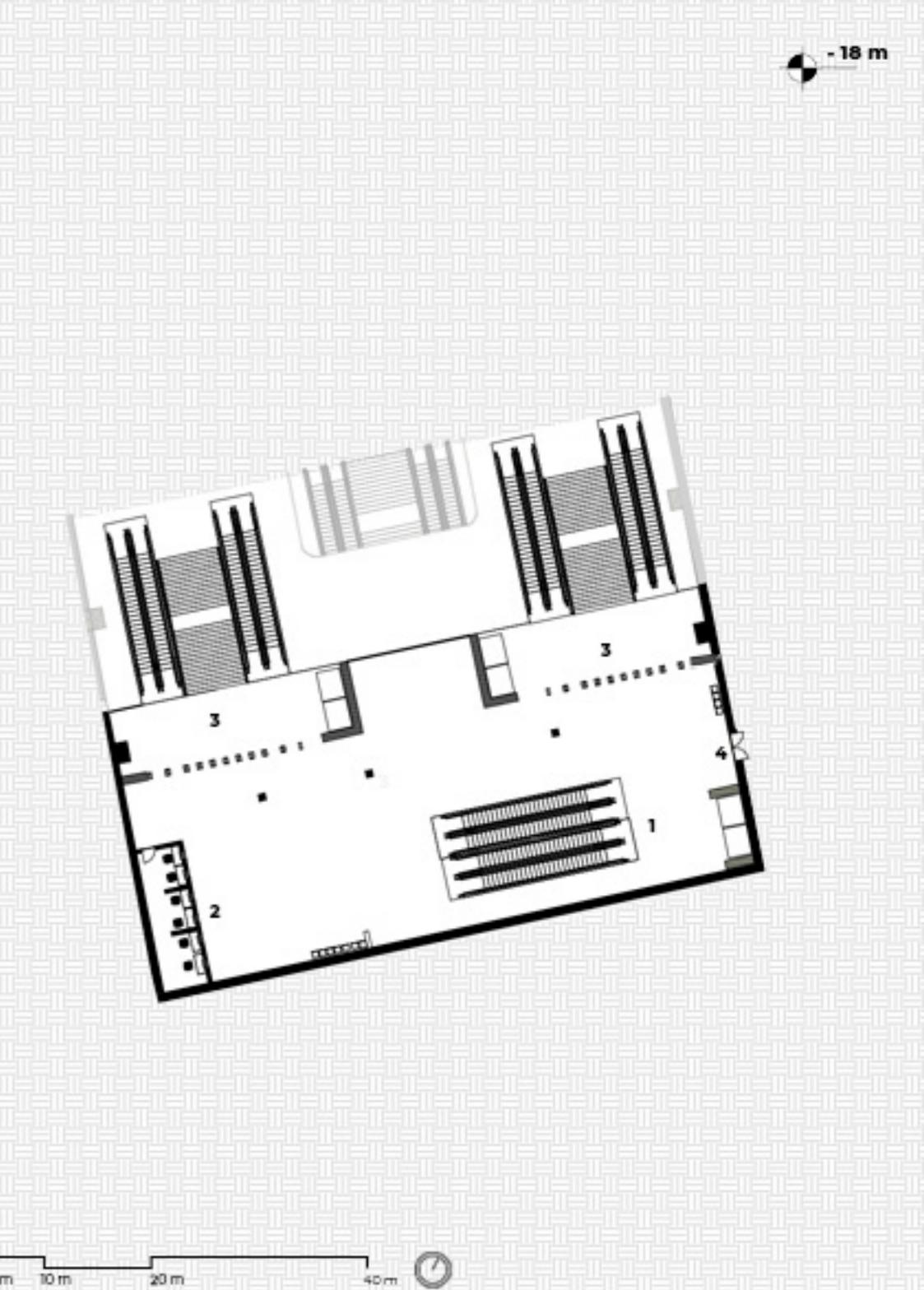
**PLANTA DE DETALHE DA ENTRADA
PARA A ESTAÇÃO**

- 1 - Entrada A
- 2- Bilheteria
- 3- sala dos funcionários
- 4- Almoxarifado
- 5- sala de arquivos
- 6- salas técnicas
- 7-Banheiros
- 8- Sala de Servidor
- 9- Cozinha/copa
- 10- Refeitório
- 11- Entrada B
- 12- Entrada para o mezanino
- 13- Saída de emergência



**PLANTA DE DETALHE DA ENTRADA PARA A
ESTAÇÃO**

- 1 - Entrada Entrada C
- 2- Bilheteria
- 3- Entrada para o mezanino
- 4- Saída de emergência





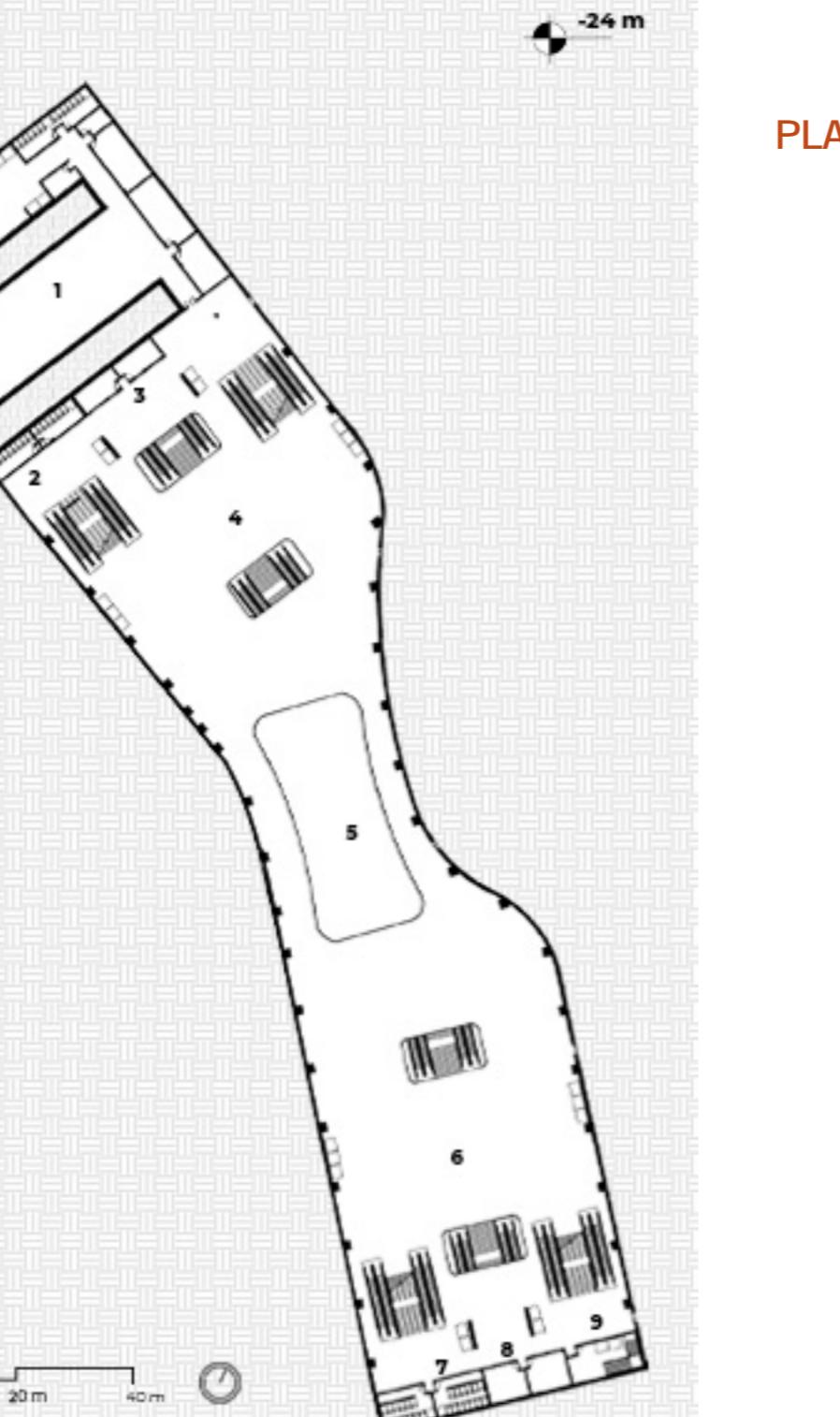
Perspectiva da entrada para a plataforma

CORTE TRANSVERSAL



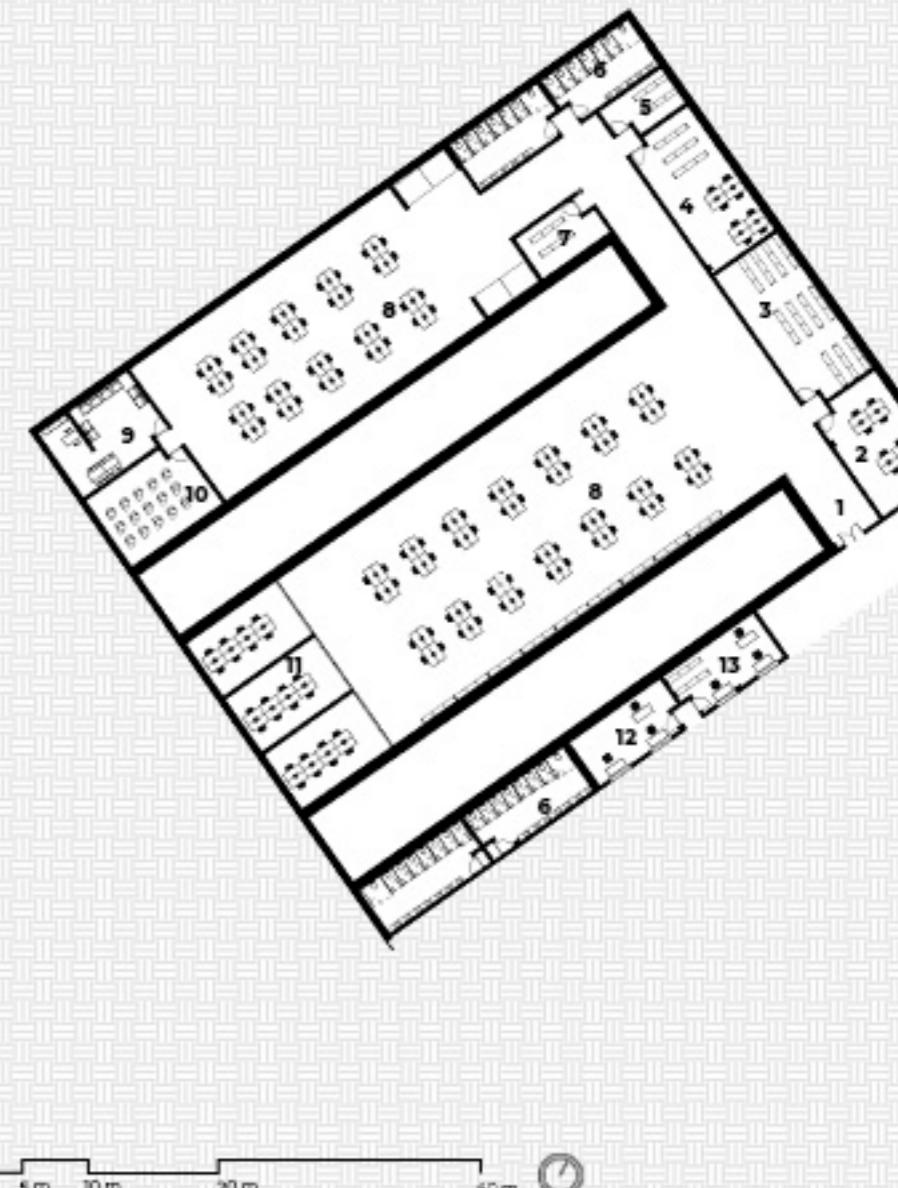
PLANTA DO MEZANINO

- 1 - Espaço Administrativo do metrô
- 2- Banheiros
- 3- Serviços de informação
- 4- Entradas para a plataforma
- 5- Mirante de observação
- 6- Entradas para a plataforma
- 7- Banheiros
- 8- Serviços de informação
- 9- Entrada para sala de manutenção



PLANTA DE DETALHE DO MEZANINO

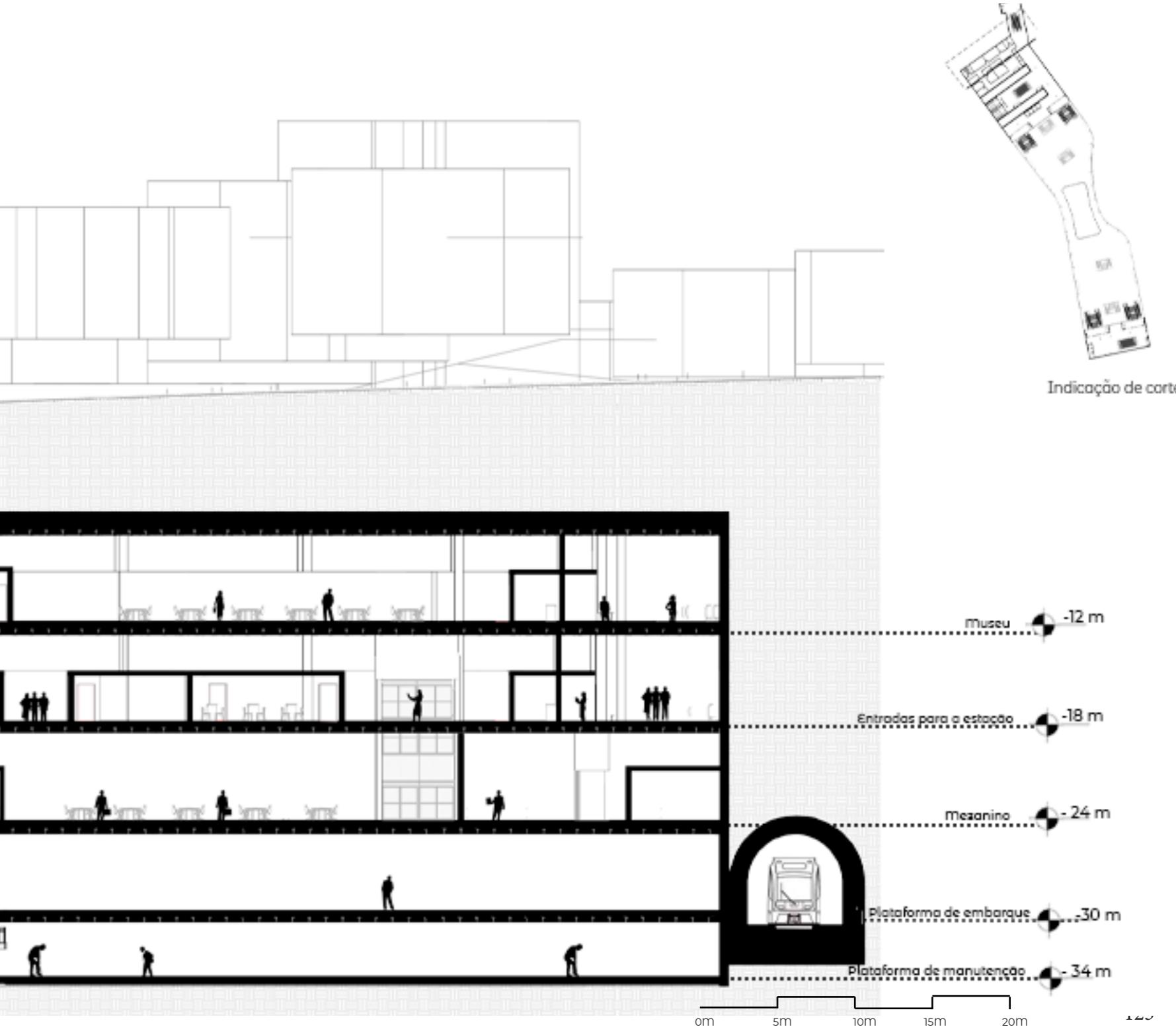
- 1- Entrada restrita para funcionários
- 2- Sala técnica
- 3- sala de documentos
- 4- sala de controle de segurança
- 5- Depósito de material de limpeza
- 6- Banheiros
- 7-Almoxarifado
- 8- Área de escritórios
- 9- copa
- 10- mini auditório
- 11- Salas de reunião
- 12- Guichê de informações
- 13- Posto de segurança



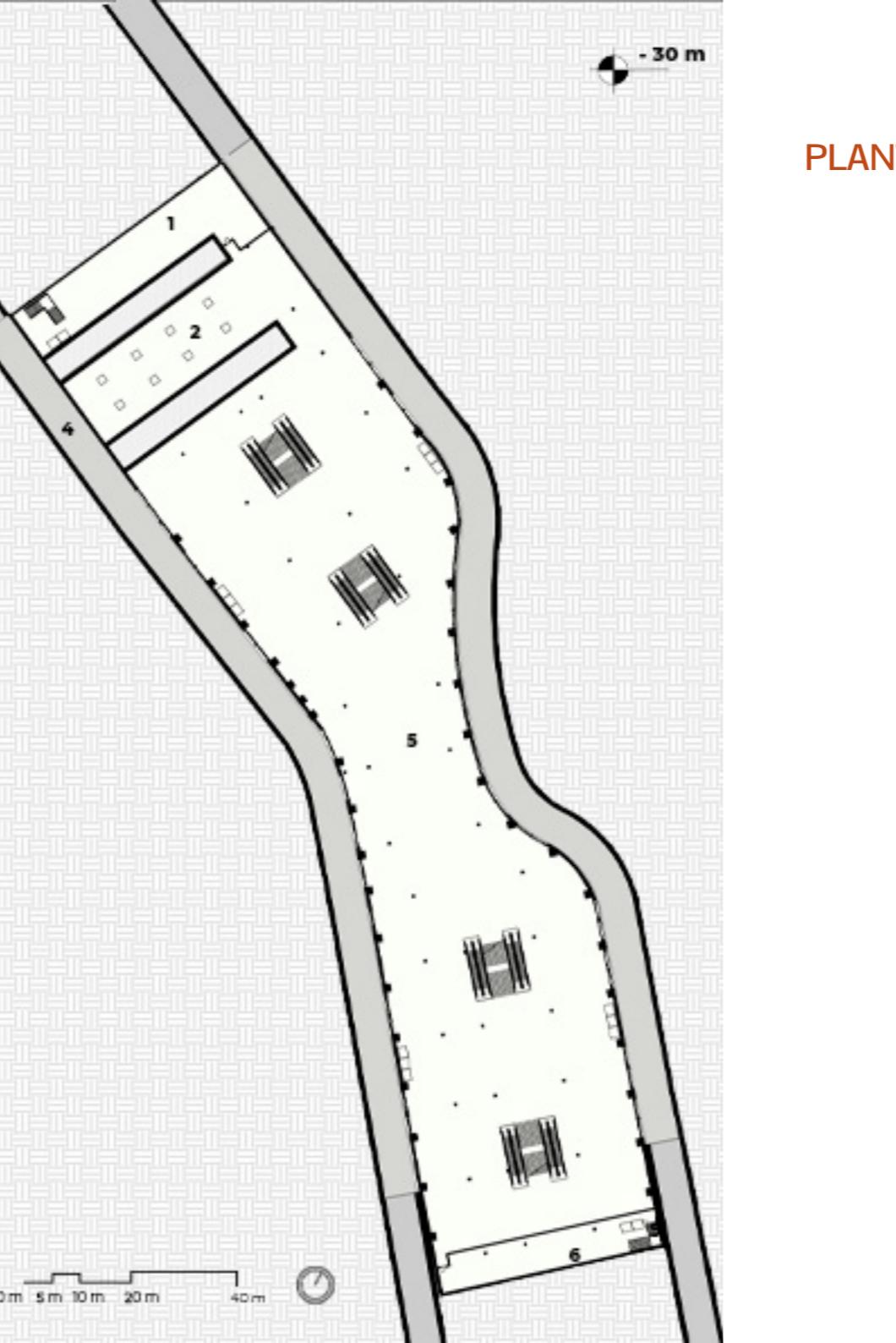


Perspectiva da plataforma co vista para o mezanino

CORTE TRANSVERSAL

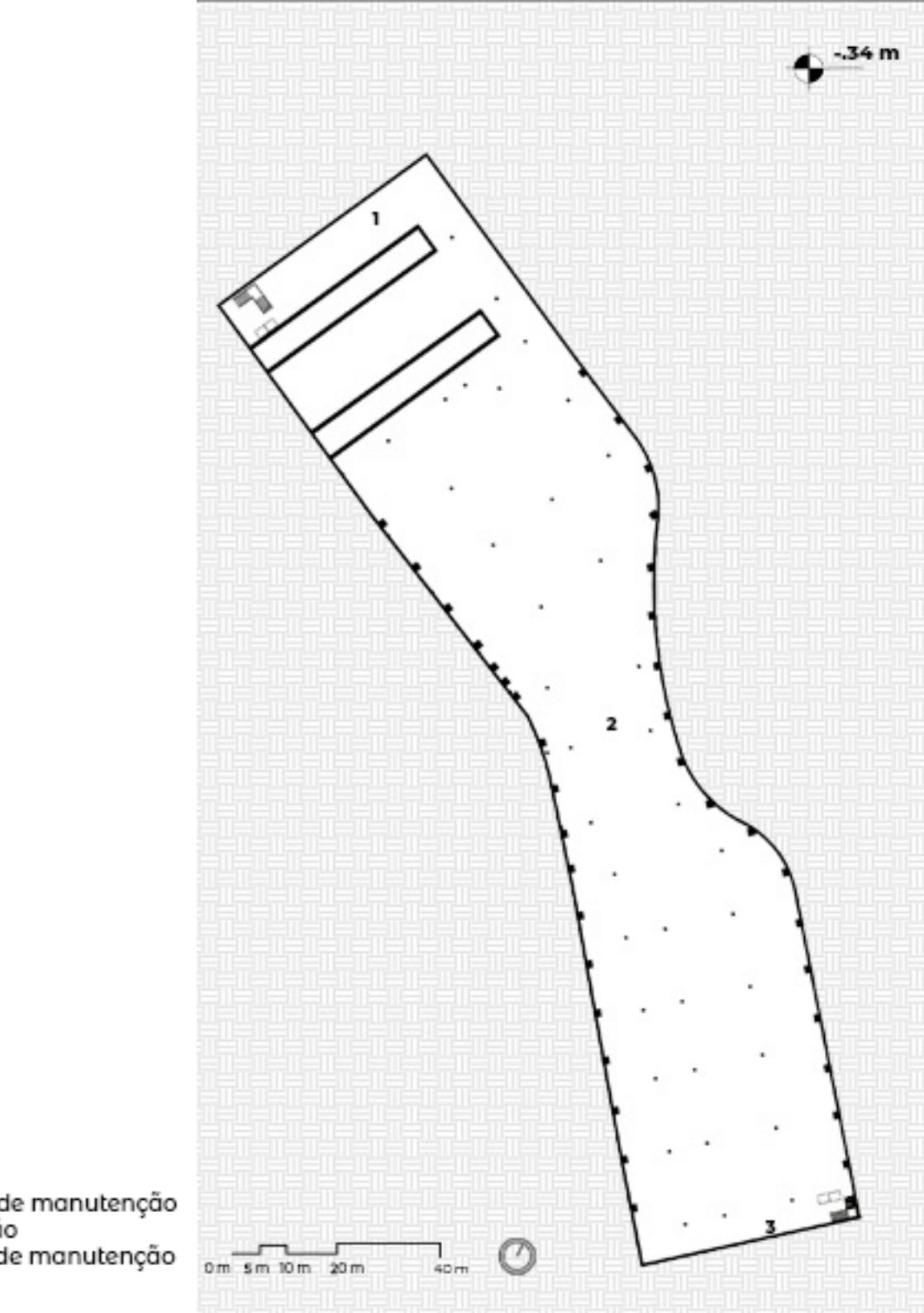


PLANTA PLATAFORMA



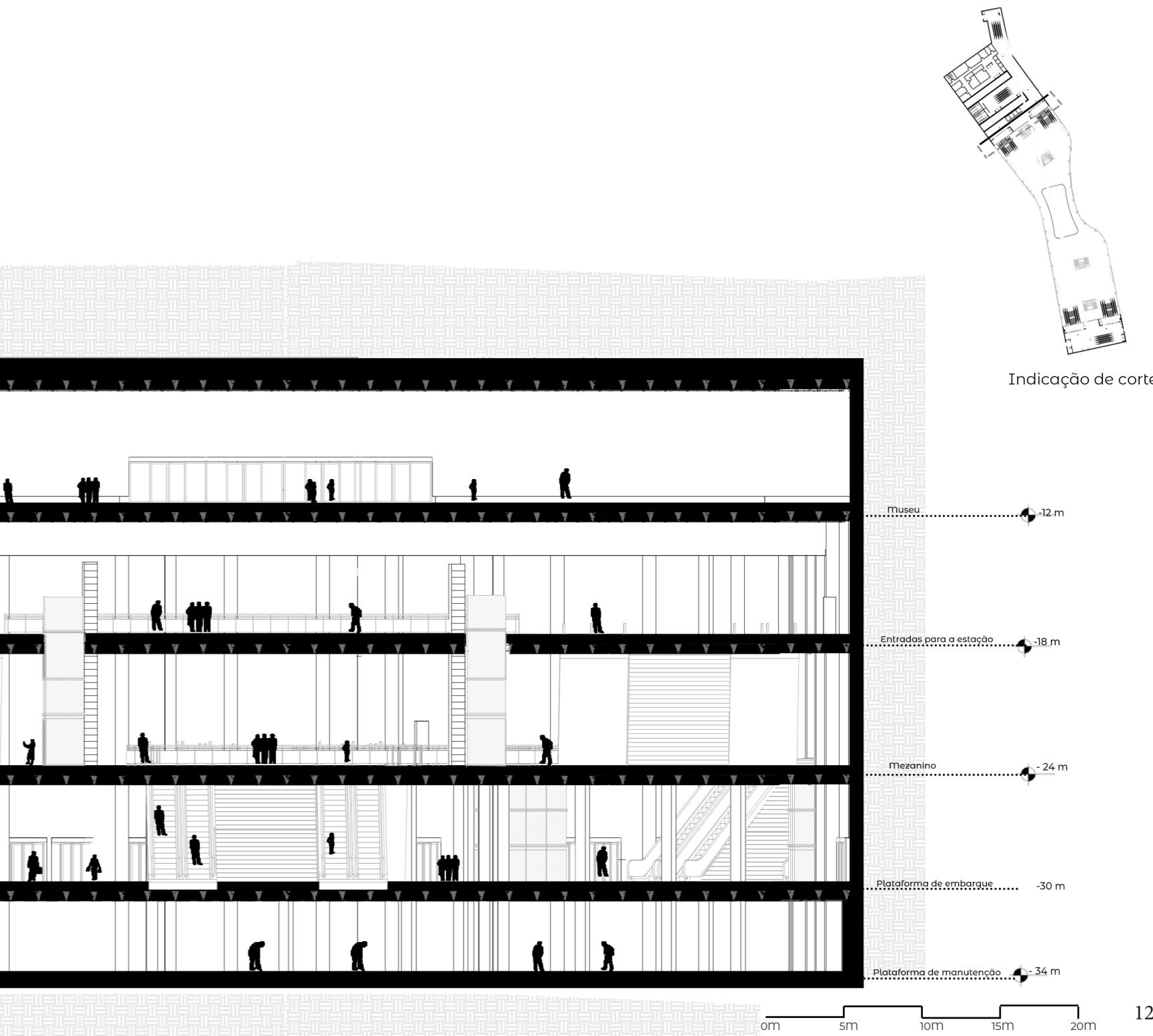
- 1 - Sala de manutenção
- 2 - Espaço de exposição
- 3 - Túnel
- 4 - Trilho do vagão
- 5 - Plataforma
- 6 - Sala de manutenção

PLANTA PLATAFORMA DE MANUTENÇÃO



- 1 - Entrada para a plataforma de manutenção
- 2 - Plataforma de manutenção
- 3 - Entrada para a plataforma de manutenção

CORTE TRANSVERSAL





Perspectiva do embarque

ICONOGRAFIA

- Figura 1 - Fonte: Paulo Santiago, página 9
Figura 2 - Fonte: Rubens Cavallari, página 10
Figura 3 - Fonte: Google Maps, página 13
Figura 4 - Fonte: Instituto Bixiga, página 16
Figura 5 - Foto do Saracura - Vincenzo Pastore/Domínio Públ-
ico, página 21
Figura 6 - Fonte: Instituto Bixiga, página 23
Figura 7 - Fonte: Instituto Moreira Salles, página 26
Figura 8 - Fonte: Vai-Vai, página 29
Figura 9 - Fonte: Vai-Vai, página 31
Figura 10 - Fonte: Pierre Verger, página 33

Figura 11 - Fonte: Analu Buchmann, página 36
Figura 12 - Fonte: Linha Uni, página 39
Figura 13 - Fonte: A Lasca, página 42
Figura 14 - Fonte: Google Earth, página 45
Figura 15 - Fonte: Darren Bradley, página 57
Figura 16 - Fonte: Jatiyo Sangshad, página 60
Figura 17 - Fonte: Darren Bradley, página 62
Figura 18 - Fonte: Cais do Valongo - IDG, página 64
Figura 19 - Fonte: Instituto Pretos Novos, página 66

As imagens listadas abaixo fazem parte de uma colagem.
Figura 1 - Rastros Sankofa (símbolo), página 19

- Figura 2 - Ama de leite - Augusto Gomes Leal, página 19
Figura 3 - Mãos lavando folhas, página 19
Figura 4 - Mural Saracura - Diogo Moura, página 19
Figura 5 - Vale da Saracura - Instituto Moreira Salles, página 19
Figura 6 - Poeta Rubens de Souza - Thiago Fernandes, página
19
Figura 7 - Salão do Instituto Pretos Novos - Instituto Pretos
Novos, página 19
Figura 8 - Capa do LP Verde Que Te Quero Rosa - Cartola, pági-
na 19
Figura 9 - Ilustração de espadas de São Jorge - Aubless,
Figura 10 - Tocadores - Marcel Gautherot, página 19
Figura 11 - Escadaria do Bixiga - Instituto Bixiga, página 19
Figura 12 - Ilustração de Dandara de Palmares - H.M.N., 1972,
página 19
Figura 13 - Mestre Tadeu - Vai-Vai, página 19
Figura 14 - Velha Guarda da Portela - Portela, página 19
Figura 15 - Mesa de bar - Gabriela Campos, página 19
Figura 16 - Menino na Bica do Saracura - Rafael Eid Falanga,
página 19

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Sérgio. Os aprendizes do poder: o bacharelismo liberal na política
brasileira. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- ALEXANDRE, Claudia. Orixás no Terreiro Sagrado do Samba: Exu e Ogum no
Candomblé da Vai-Vai. São Paulo: Editora Fundamentos de Axé, 202.
- DOMINGUES, Petrônio. Uma história não contada: negros, racismo e branque-
amento em São Paulo no pós-abolição. São Paulo: Senac, 2003.
- GILROY, Paul. The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness. Har-
vard University Press, 1993.
- LIMA, Alessandro Luís Lopes de. Vestígios de um quilombo paulistano: uma
análise da paisagem arqueológica do bairro do Bixiga. Revista Argumentos,
2020.
- MEYERS-LEVY, Joan; ZHU, Rui. The Influence of Ceiling Height: The Effect of
Priming on the Type of Processing People Use. Journal of Consumer Resear-
ch, v. 31, n. 2, p. 201-214, 2004.
- MUNANGA, Kabengele. Negritude: usos e sentidos na construção da identida-
de afro-brasileira. São Paulo: Edusp, 1988.
- MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade
nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 1999.
- NERES, Felipe dos Santos. O Recrutamento de Lideranças Negras no Brasil:
- Movimentos Sociais e Instituições Políticas. 2024. Dissertação (Mestrado em
Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Univer-
sidade de São Paulo, São Paulo, 2024.
- ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cida-
de em São Paulo e Rio de Janeiro. São Paulo: Editora da Universidade de São
Paulo, 1986.
- SCARLATO, Francisco Capuano. Bixiga: uma ideologia geográfica. Boletim
Paulista de Geografia, 1989.
- SANTOS, Juliana Costa dos. Entre Sambas e Rezas: vivências, negociações e
resignificações da cultura afro-brasileira no Bexiga. Revista Áskesis, v. 3, n. 1,
p. 1-22, 2013.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem Preto, Nem Branco, Muito Pelo Contrário: Cor
e Raça na Sociabilidade Brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.
São Paulo: Hucitec, 1996.
- TUTU, Desmond. No Future Without Forgiveness. New York: Doubleday,
1999.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as pessoas e iniciativas que foram fundamentais para sua construção, cada uma contribuindo com histórias, saberes e inspirações que ajudaram a moldá-lo.

A Fernando Penteado e Solange Luz, moradores do Bixiga, que compartilharam generosamente suas memórias e vivências, iluminando os caminhos deste estudo com relatos preciosos sobre o território.

Aos movimentos Saracura Vai-Vai e à Escola de Samba Vai-Vai, cujas trajetórias simbolizam a resistência e a força cultural do Bixiga, perpetuando as memórias e tradições que formam a essência deste trabalho.

Ao grupo Atlas do Chão, pela oportunidade de participar do workshop “Sara Cura”, uma vivência que ampliou meu olhar e trouxe reflexões valiosas que foram essenciais para a elaboração deste trabalho.

Por fim, dedico este estudo às vozes do passado e do presente que ecoam no território do Bixiga, honrando suas histórias e resistências que continuam a inspirar o futuro.

